

JULIA SOUTO DE CAMARGO

**COMPANHIA DE FOLIA DE REIS BELO
SOL DE SANTA MARIA:**

**Um memorial reflexivo sobre suas práticas, valores e
resistência**

Trabalho de Conclusão de Curso

São Paulo

2022

JULIA SOUTO DE CAMARGO

COMPANHIA DE FOLIA DE REIS BELO SOL DE SANTA MARIA:

**Um memorial reflexivo sobre suas práticas, valores e
resistência**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Música da Escola de Comunicações
e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de licenciada em Música.

Orientador: Prof. Dr. Ivan Vilela Pinto.

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Camargo, Julia Souto de
Companhia de Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria: um
memorial reflexivo sobre suas práticas, valores e
resistência / Julia Souto de Camargo; orientador, Ivan
Vilela Pinto. - São Paulo, 2022.
93 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Música / Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.
Bibliografia

1. Etnomusicologia. 2. Folia de Reis. 3.
Autoetnografia. I. Vilela Pinto, Ivan. II. Título.

CDD 21.ed. - 780

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Tenha fé no nosso povo que ele resiste

Tenha fé no nosso povo que ele insiste

Milton Nascimento, 1978

AGRADECIMENTOS

Esse texto não é resultado somente do meu trabalho pessoal. Ele contém reflexões e pensamentos carinhosamente compartilhados pela minha madrinha Regina e meu padrinho Alberto, além de todas as conversas durante o horário de almoço com meu querido orientador Ivan. Sem essas contribuições esse trabalho não teria tamanha riqueza em detalhes e reflexões.

Esse texto carrega toda minha formação e toda a influência dos meus familiares, dos meus mestres de sangue e de alma. Dedico minha voz e minha pesquisa para a grande Estrela-Guia da nossa Companhia Belo Sol de Santa Maria, Dona Cidinha.

Agradeço muito ao apoio dos meus pais desde quando resolvi mudar meu curso de Ciências Sociais para Música, que permaneceram ao meu lado até o fim da escrita desse texto. Agradeço também a meu namorado, que acompanhou de perto todo esse meu processo e pacientemente ouviu todas as minhas ideias e mirabolações sobre música e sobre Folia de Reis. Assim como minha família, também tenho eterna gratidão às minhas matriarcas, Dona Eda e Dona Flora, exemplos de força e de obstinação.

Reforço minha gratidão ao meu orientador Ivan, mestre importantíssimo na minha vida musical dentro do CMU. Se não fosse pela sua disciplina de Música Popular Brasileira, eu não teria conhecido esse departamento, e descoberto a música como possibilidade de vida acadêmica e profissional. O cito como mestre pois ele me representa mais do que um professor universitário, e sim como uma pessoa detentora de muitos saberes e muitas experiências, as quais enriqueceram muito a minha própria Jornada, da qual admiro e muito respeito.

Agradeço também a minha querida e primeira orientadora, Dra. Flávia Toni, por toda sua delicadeza e carinho nesses meus primeiros passos dentro da pesquisa acadêmica. Com certeza, minha história dentro da pesquisa só foi doce por não ter crescido como um ovinho de chocadeira, e sim sempre protegida e guiada por suas asas.

Tenho profundo respeito e gratidão pelos aprendizados com a queridíssima professora Ana Luisa Fridman, que mesmo durante apenas um ano de convivência, esse tempo já foi o suficiente para revolucionar minha relação com a performance e com a educação musical.

Dentro da USP, agradeço meus colegas Victor Ferreira, Isabel, Yumi, Ananda, Victor Mocellin, Felipe, Caio, Isaías, Guilherme Beraldo, Livia Pegoraro, Livia Maria, Leo, Luísa, Irina, Hellen, Verônica, Isa de Carvalho, Rafa Freitas, que sempre estiveram presentes no meu crescimento durante esses 5 anos de departamento, como cantora, como pesquisadora, como professora e como pessoa.

Eterna gratidão à esses oito anos de universidade que de tudo vivenciei, das piores crises às melhores conquistas. Me despeço de coração leve, alma lavada, e dever cumprido.

RESUMO

CAMARGO, Julia Souto de. *Companhia de Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria*: um memorial reflexivo sobre suas práticas, valores e resistência. 2022, 93p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Música) – Departamento de Música, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo realizar um memorial reflexivo sobre a Companhia de Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria, localizada na cidade de Osasco, Região Metropolitana de São Paulo. Através do constante diálogo da autoetnografia, descrição ritualística, entrevistas e contribuições de membros foliões, aspectos relacionados à circulação de dádivas, situações de aprendizagem e processos de resistência são refletidos junto a bibliografia relevante da área. As ideias levantadas e debatidas foram documentadas através da metodologia da Epistemografia Integrativa, buscando trazer valorização aos saberes orais ao lado dos saberes escritos. Como resultado, observamos a Companhia de Reis Belo Sol de Santa Maria como representante não somente dos Reis Magos na narrativa de Natividade, mas especialmente como símbolo de resistência dos valores e do modo de vida caipira, suas relações de solidariedade, de comunhão, sua fé e sua música.

Palavras-chave: Folia de Reis. Tradição Oral. Resistência. Situação de Aprendizagem. Epistemografia Interativa. Autoetnografia.

ABSTRACT

Abstract: This work aims to create a reflexive memorial about the Companhia de Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria, located in the city of Osasco, in the Metropolitan Region of São Paulo. Through constant discussion between autoethnography, ritualistic description, interviews, and contributions from foliões members, aspects related to the exchange of gifts, learning situations, and the process of resistance are reflected with a relevant bibliography of the area. As a result, we can observe the Companhia de Reis Belo Sol de Santa Maria not only as a representative of the Magi narrative from the birth of Jesus Christ but especially as a symbol of resistance of the caipira values and way of life, their relationships of solidarity, communion, their faith, and its music.

Key-words: Folia de Reis. Oral tradition. Resistance. Learning Situation. Interactive Epistemography. Autoethnography.

SUMÁRIO

Lista de abreviaturas e siglas.....	11
Lista de figuras.....	12
Introdução.....	14
Um memorial reflexivo da Companhia Belo Sol de Santa Maria	18
O ritual de visita��o: sua música e suas trocas	22
Um ciclo que se renova a cada casa, a cada ano, a cada relação	29
Primeiro Par��ntesis: O que se leva, o que se traz	32
Companhia cultural: Folia de Reis como ato de resistência.....	34
Segundo Par��ntesis: Notas sobre a construção do saber musical	38
Considerações Finais	40
Referências bibliográficas	43
Anexos	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMU	Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes
FAPESP	Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo
SP	São Paulo

LISTA DE FIGURAS

- Fig.s 1 e 2 Comparação entre a levada do bumbo como na Viola Caipira (à esquerda) versus a levada do bumbo na Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria (à direita).....25
- Fig. 3 Imagem de folião com uma cola de acordes de cada canção, que está no processo de aprendizado do instrumento. (Foto: acervo pessoal).....27
- Fig. 4 Sequência dos três ciclos mencionados no trabalho: o primeiro, na esfera musical do ritual de visitação; o segundo, no ciclo anual em que os foliões se inserem; e o terceiro, na relação de trocas entre foliões e devotos.....31

INTRODUÇÃO

Quando criança, o olhar da ingenuidade faz com que a grande motivação para participar da Folia de Reis seja o prazer pela festa, pelas roupas coloridas, as músicas dançantes, conhecer casas de pessoas desconhecidas, e a fartura de comida nas mesas. Junto a mim, existia uma geração de filhos de foliões que acompanhavam seus pais nas festas. Participar da Folia no período de férias era também a chance de encontrar esses amigos, era realmente uma festa.

Com o passar do tempo, na medida que fui crescendo, minha relação com essa manifestação foi se alterando. Aos poucos fui criando maior consciência do caráter religioso da manifestação para além da festa, e com o amadurecimento, os desafios de encaixar os giros com minha agenda começaram a me obrigar a fazer escolhas.

Foi assim que eu, como alguns outros jovens amigos acabamos por nos afastar do grupo, por vários motivos para além desses mencionados. Alguns afastamentos foram mais definitivos, outros temporários, e também existem aqueles que se mantiveram e se mantêm presentes desde quando começaram.

Esse afastamento foi importante, pois com ele tive a oportunidade de reconhecer essa manifestação durante minha graduação, e pude, através da minha experiência como foliã e pelo contato com correntes metodológicas, buscar a compreensão não somente do grupo de minha família, mas da própria manifestação como acontece hoje, em aspectos musicais, antropológicos e sociológicos.

Foi através dessa curiosidade de retornar às minhas origens e da minha formação musical que me aproximei do campo da etnomusicologia e da antropologia da música, realizando um projeto de iniciação científica financiado pela FAPESP¹, culminando na escrita desse trabalho de conclusão de curso.

O tema dessa pesquisa também orientou a forma como ela se desenvolveu metodologicamente. A Folia de Reis é uma manifestação cultural popular representativa de

¹ Projeto de Iniciação Científica “Companhia de Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria: música e sociabilidade”, Número do Processo 2020/09565-4, sob orientação de Dra. Flávia Camargo Toni, atrelado ao Projeto Temático da Fapesp “O Musicar Local: novas trilhas para a etnomusicologia” (Processo Fapesp no. 2016/05318-7)

um catolicismo popular² que é produzida e de autoria do povo brasileiro, em especial da população periférica e rural. Apesar de possuir uma relação com a Igreja Oficial pelo cristianismo, por conta da inserção de interpretações do povo local às práticas religiosas a Igreja enquanto instituição deixou de reconhecer essa manifestação como parte de seus fazeres. Sendo os arquivos de Igreja espaços importantes de reserva de materiais e documentos de época, esse movimento de desassociação também pode ser entendido como processo de apagamento da Folia de Reis dos registros históricos deste país.

Outro ponto que deve ser tocado é o de que a principal forma de comunicação e transmissão de conhecimentos desses povos as quais a manifestação se desenvolveu se dá pela transmissão oral. Como consequência, são poucos os documentos e outras evidências físicas que podemos ligar à prática da Folia de Reis. Embora atualmente é possível encontrar diversos registros acadêmicos de historiadores, sociólogos, filósofos e etnomusicólogos, ou inclusive materiais pela Internet de foliões e devotos, são mais escassos os registros mais antigos dessa manifestação.

Porém, o povo tem noção do poder da memória e da sua transmissão, o que permitiu que a prática da Folia de Reis, como de tantas outras práticas, persistisse através do tempo. Por conta disso, o desenvolvimento de um trabalho que aprofunde sobre os saberes da Folia de Reis precisa estar associado às formas pelas quais ela é ensinada e transmitida. Dessa forma, este texto busca privilegiar esses saberes transmitidos oralmente, através de entrevistas com membros foliões, em conversas com meu orientador, também experiente nesses conhecimentos, e especialmente, na minha própria experiência como foliã de Reis.

Essa pesquisa busca também se afastar intencionalmente de uma abordagem epistemológica, se afastando de tentativas de classificações. Sendo assim, os princípios metodológicos estão associados ao que Gutierrez define por Epistemografia Interativa³. Essa

² Diversos pesquisadores das áreas de história, antropologia, sociologia, etnomusicologia e teologia desenvolvem trabalhos em que a questão religiosa dessas manifestações é aprofundada. Para entender a definição das particularidades da religiosidade na manifestação da Folia de Reis, me guiei pelo trabalho de Sarmiento (2016). Segundo Sarmiento, podemos identificar dois tipos de catolicismo: o chamado por “catolicismo popular” e o chamado por “Igreja Católica Oficial”. Apesar de diferenciados, ambas manifestações coexistem e relacionam entre si, sendo o catolicismo popular como um conjunto de manifestações que articula com a Igreja Oficial mas é constantemente transformada pelo povo que o pratica, e a Igreja Católica Oficial como uma instituição, cercada de regras, dogmas e burocracias, e que está em constante contato com práticas diversas. Isso corresponde ao cenário de desenvolvimento de tais manifestações populares nas zonas rurais do Brasil. Por conta da dificuldade de acesso e domínio da Igreja Católica enquanto instituição nessas regiões, suas práticas religiosas acabaram por ser organizadas e reinventadas pelo seu povo, junto a seus costumes e valores. (SARMENTO, Luciano Cândido e. *O devoto folião e a folia divina: música e devoção nas folias católicas em Montes Claros (MG) 2012-2015*. 2016. 214 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016).

³ GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. *Científicamente Favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia*. TransInformação, Campinas, 18(2):103-112, maio/ago., 2006

linha se destaca também por trazer relevância os conhecimentos e saberes periféricos, ou seja, que são produzidos e caminham pelos ares da memória e dos saberes orais, os colocando no mesmo patamar que os conhecimentos minoritários e elitizados, já abarcados pela epistemologia⁴.

Na prática, ao assumir esse posicionamento, este trabalho tem como objetivo partir desses saberes periféricos cultivados pelas experiências daqueles que vivenciam essas práticas para depois dialogá-los com reflexões e referenciais teóricos. Guiada por esses princípios e pelo recolhimento de memórias e saberes, busco assim através da prática e experiência fazer relações com literatura sobre o tema. De forma geral, as duas principais referências neste trabalho são Carlos Rodrigues Brandão e Oswaldo Elias Xidieh.

Carlos Rodrigues Brandão se torna relevante nesse trabalho pelas contribuições com a pesquisa sobre cultura popular, e sobre seus livros e trabalhos no campo da manifestação da Folia de Reis. Seus trabalhos foram essenciais para meu primeiro contato e mergulho com a bibliografia do tema, nas discussões históricas e metodológicas para a construção de uma pesquisa etnomusicológica, como nas suas experiências e ideias sobre as diversas manifestações populares religiosas, em especial, a Folia de Reis.

Já Xidieh traz influências não apenas pelo conteúdo de seus trabalhos, mas especialmente pela sua forma de escrita e metodologia aplicada. Em Narrativas Pias Populares, podemos notar essa relação entre a prática - o recolhimento e exposição das narrativas - seguida por uma reflexão teórica, dando igual espaço para as duas escritas. Uma vez estabelecidas as narrativas, Xidieh desenvolve análises acerca dos valores defendidos por esses povos, identificando as mudanças sociais e processos de sincretismo e assim, refletindo sobre como essas histórias transparecem os processos de transformação socio-econômicos, culturais e religiosos de uma população. Seu trabalho se torna relevante pela importância que o pesquisador traz às narrativas e memórias do povo como material de estudo.

⁴ Ao exemplificar saberes elitizados e periféricos, o próprio autor comenta sobre o Brasil:

Creio que no Brasil, como em muitos outros países, existe uma dupla percepção: a de um Brasil minoritário, imaginário e unificador, inventado e vivido pelas elites financeiras, petroleiras e latifundiárias e a de um Brasil profundo e diverso, com uma maioria de gente sem-terra e de habitantes de favelas. Em Ciências, bem valeria como uma metáfora: a **Epistemologia representaria esse mundo ideal do conhecimento competitivo e bem sucedido** e, a **epistemografia, se ocuparia do conhecimento despercebido**. Assim, a partir de sua posição sensível, a epistemografia adentra tanto nos privilegiados vice-reinados das áreas científicas como na imensidão das favelas do saber, mas com interesses reais e conhecimento digno, que sobrevivem em seu entorno. Eis aqui um objetivo essencial de nossos estudos. (GUTIÉRREZ, 2006, p. 105, grifos nossos)

Junto a essas referências, também trago influências de diversos autores que desempenham pesquisas sobre a cultura popular e estudos de caso de Folias de Reis, como Ênio José da Costa Brito, Ivan Vilela, Jadir de Moraes Pessoa, Luciano Cândido e Sarmento, Priscila Ribeiro e Welson Tremura. E também dialogo com questões relacionadas não apenas à música, mas também à sociedade, como os trabalhos de Antônio Cândido, Etienne Wenger, Jorge Larossa Bondía, Marcell Mauss, Oliveira Viana e Thomas Turino.

Portanto, seguindo essas premissas, este trabalho não será segmentado a partir de capítulos, e sim somente campos, respeitando a fluidez das ideias e reflexões apresentadas no decorrer do texto. No desenvolvimento das ideias, inicialmente, apresentaremos a Companhia de Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria, o principal sujeito⁵ desta pesquisa, trazendo através da experiência autoetnográfica sua história, suas principais características, valores e práticas (*Um memorial reflexivo da Companhia Belo Sol de Santa Maria*), culminando na apresentação do ritual de visita praticado pelo grupo (*O ritual de visita: sua música e suas trocas*). Em seguida, aprofundaremos a análise dessa manifestação através do seu entendimento enquanto ciclo ritualístico, musical e social (*Um ciclo que se renova a cada casa, a cada ano, a cada relação*). Deste ponto, abrirei o primeiro dos dois parêntesis do texto⁶, comentando sobre a interação entre a prática sagrada da Folia e o cotidiano de seus praticantes (*O que se traz, o que se leva*).

A partir disso, discutiremos sobre a existência e permanência do grupo na vida urbana e cosmopolita, entendendo essa manifestação como ato de resistência e de valorização das práticas, saberes e valores da comunidade rural e seu modo de vida (*Companhia Cultural: Folia de Reis como ato de resistência*), acompanhado do segundo parêntesis, uma discussão sobre o lugar do aprendizado musical na manifestação (*Notas sobre a construção do saber musical*).

Tal estruturação corresponde à maneira afetiva que construí o trabalho, de formaêmica e ética, trazendo ao texto minhas aproximações como membro desse grupo, mas também realizando afastamentos quando necessário, desempenhando o papel de pesquisadora e foliã, e fazendo dessa pesquisa um memorial reflexivo sobre a Companhia de Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria.

⁵ Uma vez que é composto por indivíduos em um agrupamento em constante transformação, prefiro denominá-los enquanto sujeitos, e não objetos de pesquisa. Atribuir o status de sujeito também se torna intencional na medida que os trago como participantes diretos na construção desse trabalho, também pelo fato de também pertencer a esse grupo.

⁶ Estes parêntesis tratam de comentários pertinentes ao tema abordado, de certa forma externos à linha da narrativa estabelecida, mas não a ponto de serem incluídos apenas às notas de rodapé.

UM MEMORIAL REFLEXIVO DA COMPANHIA DE FOLIA DE REIS BELO SOL DE SANTA MARIA

Todo fim de ano é um anúncio de que uma nova Jornada está por vir. Esse período não vem acompanhado apenas de férias escolares ou coletivas, mas também de casas enfeitadas e iluminadas por piscas-piscas, árvores de natal e presépios de todos os tamanhos. Depois de uma reunião de planejamento dessa nova Jornada, o novo ciclo se inicia no segundo final de semana de dezembro.

Nesse segundo sábado de dezembro, todos os foliões se encontram na Casa da Folia, o ponto de encontro chamado dessa maneira por ser a casa dos capitães da Companhia. Com todos chegados, uma série de etapas são seguidas. Todos já utilizam suas vestes e já estão equipados com seus instrumentos musicais. A Jornada se inicia com uma fala proferida pela capitã e dona da casa, pedindo proteção e alegria para esse e os próximos finais de semana que virão. Essa fala é finalizada pela entonação de uma oração cantada, composição autoral dos capitães:

*Pai nosso que estais no céu, e também dentro de nós
Abençoe essa Jornada, toda nossa caminhada
Que é em nome de vós, que é em nome de vós
Ai ai, ai ai*

*Abençoe os instrumentos e também a nossa voz
Toda fita pendurada, toda dança improvisada
Abençoe a todos nós, abençoe a todos nós
Ai ai, ai ai*

(Benção Inicial da Folia de Reis, Alberto Camargo e Regina Vasques)

Essa canção é repetida no início de cada novo dia de visitas. Pensando numa função, ela representa uma oração, pedindo proteção, paz e harmonia para a Jornada. Ela inclusive se finaliza por Amém. Porém, para além desse sentido prático de prece, a realização desse rito inicial interno entre os membros simboliza também um momento de concentração e

celebração entre os foliões, e como um processo de ressignificação de cada participante como membro representante dos Reis Magos, e não apenas cidadão do mundo. Essa nova função e posicionamento dos foliões vem de uma percepção de que os Reis Magos são os primeiros a reconhecerem a divindade de Jesus Cristo, e se tornam como ponte entre o humano e o divino, construída também através de seus rituais musicais.⁷

Depois dessa primeira comunhão entre os foliões, eles partem em direção à primeira visita. Nesse momento, pessoas que possuem carros cedem espaço para quem não tem. Esse momento exige de todos um voto de confiança: tanto de quem oferece vagas no carro, como para quem aceita e viaja junto. Acontece que esse grupo é formado por cerca de cinquenta participantes, e os níveis de relação são variados.

A companhia se originou de 5 amigos, sendo dois deles, um casal, meus tios: Alberto e Regina. Eles são também os Capitães da Companhia. Com o tempo, outros membros da minha família passaram a fazer parte, mas também outros amigos e conhecidos, músicos, católicos, e devotos. Com o crescimento desse grupo, novos projetos foram pensados, transformando essa Companhia de Folia de Reis em uma Companhia Cultural, com diversas práticas, que serão refletidas posteriormente. Nem todos os participantes do grupo são ativos em todas as práticas. Durante a Folia de Reis, cerca de 20 membros são mais presentes nos ritos, participando das visitas.

Se adequando às rotinas dos foliões, em grande parte trabalhadores assalariados, o grupo acaba concentrando as visitas aos lares de devotos apenas aos fins de semana. Diferentemente de uma celebração natalina que tem duração somente na véspera e dia de Natal, ou de outras companhias que realizam jornadas ininterruptas com cerca de quatorze dias de duração, a Jornada dessa Companhia gera um alargamento das celebrações para cerca de quatro finais de semana. Antigamente, as visitas ocorriam também às sextas feiras à noite, além de sábados e domingos no início da tarde, e o número de casas visitadas era bem superior ao número dos lares visitados nesses últimos anos.

⁷ Uma vez que se entende que a tradição da Folia de Reis busca reencenar a Jornada dos três Reis Magos, conseguimos traçar comparativos entre a narrativa da Natividade e a as práticas realizadas por essa manifestação. Entre elas, a da representação dos Reis Magos pelos seus foliões. (TREMURA, Welson Alves. *A música caipira e o verso sagrado na folia de reis*. In: Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular. 2004).

Soma-se essa percepção de representação a ideia de Ênio José da Costa Brito de que tais rituais funcionam como mediadores entre o divino e mundano, da mesma forma em que a música estabelece uma conexão entre o visível e o invisível. (BRITO, Ênio J. da C. *Manifestações culturais e religiosas no Norte de Minas: dando voz a foliões, peregrinos e ancestrais esquecidos*. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 14, n. 43, p. 1093-1124, 30 set. 2016.)

Hoje, encontramos uma nova estrutura de cronograma. Tal mudança reflete uma discussão sobre a relação entre quantidade versus qualidade nos ritos de visitação. Muitas vezes o roteiro de visitação de um dia se alterava quando algum vizinho de devotos, ao se deparar com a Folia, pede para ser abençoado com as bandeiras e os cantos em sua casa. Sendo um devoto, o pedido era prontamente atendido pelo grupo e, somado a vários outros pedidos, chegávamos a visitar cerca de dez casas em uma única noite.

Nessa noite fatídica em que fizemos cerca de dez visitas, lembro muito bem de estar exausta em uma das casas, não conseguindo engolir uma fatia de pão ou tomar mais um gole de suco oferecido. Lembro também que todo o ritual teve de ser modificado e reduzido para que pudéssemos logo partir para a próxima casa.

Depois de uma série de acontecimentos desse tipo, foi debatido entre o grupo qual seria a melhor medida a tomar: manter essa estrutura de visitas, ou limitar o número de casas por dia para apenas quatro, podendo assim aumentar o tempo de visita, acrescentar novas canções ao rito e não sobrecarregar tanto os foliões. Existia uma certa resistência dos foliões que defendiam que o grupo não negasse visitas durante a Jornada afinal, como negar o pedido de um devoto? Porém, após várias discussões, a nova estrutura com um número reduzido de visitas foi aprovada: o grupo atualmente segue um roteiro já fixo com até quatro casas de devotos sendo visitadas por dia, e no caso do aparecimento e pedido de devotos interessados por uma visita extra no meio da Jornada, um formulário era oferecido para que eles indicassem informações de contato, e assim serem visitados no ano seguinte. Assim a cada novo ano a prioridade de visitação se dava pelos novos devotos, e àqueles que não puderam ser visitados no ano anterior, além de membros do próprio grupo.

Essa situação demonstra o valor democrático presente no grupo. Claro, existe uma certa hierarquia dos capitães como organizadores do grupo, sendo Alberto o capitão e violeiro responsável pela música, e Regina a capitã e cantadora responsável pela organização e planejamento de visitas e reuniões. Porém, todas as principais decisões que impactam no fazer do grupo são decididas igualmente por todos, com participação, proposição de ideias e votação de todos os participantes. Isso demonstra também o engajamento de todos com o projeto, da importância de cada pessoa não somente como representante dos Reis Magos mas também como construtora e mantenedora da tradição desse grupo.

Como resultado dessa mudança, o ritual de visitação passou a ser mais longo em cada casa, novas etapas foram adicionadas, aumentando o nível de interação entre foliões e devotos. De todos os efeitos e consequências dessas mudanças, uma das maiores mudanças

simbólicas está na alteração da letra do Hino da Companhia de Reis, uma das canções mais importantes do seu repertório:

Letra antiga:

Os presentes que vos deram ai ai
Hoje nós reavivamo ai ai
Já vamos nos despedindo ai ai
E assim nós combinamo ai ai
Ano que vem vortamo ai ai

Letra atualizada:

Os presentes que vos deram ai ai
Hoje nós reavivamo ai ai
Já vamos nos despedindo ai ai
E assim nós combinamo ai ai
Qualquer ano vortamo ai ai

(Hino da Folia de Reis, recolhido por Ely Camargo, adaptado por Regina Vasques)

O RITUAL DE VISITAÇÃO: SUA MÚSICA E SUAS TROCAS

A Companhia de Reis Belo Sol de Santa Maria possui um ritual que pode ser entendido como ciclo em diversos aspectos: ciclo num sentido ritual, musical e na relação de trocas e sociabilidade.

A Jornada da Companhia é composta principalmente pelo ciclo de visitas às casas de devotos, além de eventos pontuais que sinalizam marcas importantes: inicialização, o dia de Natal, o encontro de Folias e o encerramento, que acontece no dia de Reis. Começamos o memorial através do rito de inicialização. Neste momento me concentrarei nas práticas envolvidas nas chamadas Visitas.

Boa noite, dona da casa!

Dá licença de cantar?

Saudamos o vosso teto:

Deus esteja nesse lar!

Viva os Três Reis Santos! (Viva!)

Viva a Estrela Guia! (Viva!)

Viva o Glorioso Deus Menino! (Viva!)

Viva São José e Santa Maria! (Viva!)

Viva os donos dessa casa! (Viva!)

Viva os cantador! (Viva!)

Viva os instrumentos! (Viva!)

E Viva nossa Companhia Belo Sol de Santa Maria! (Viva”)

Esses são os primeiros versos de chegada na casa, e sempre são acompanhados de uma sequência de Vivas. A origem desses cantos, segundo Regina, vem de uma Companhia de Reis proveniente da cidade de Carapicuíba, em São Paulo:

Eu recolhi esses vivas de uma Folia de Reis que eu pesquisei em Carapicuíba, e que eram só homens. Acho que era uma meia dúzia de homens que tocavam, mas era muito engraçado porque, até pouco tempo atrás eu tinha essa gravação, sabia? Uma gravação em fita cassete. Ai eles falavam assim: “Viva a estrela Guia, viva o Deus Menino”, e todo mundo falava “Viva”. Era muito engraçado, e aí eu peguei esses vivas. (VASQUES, Regina. 2021)

Adicionando a esses vivos, o começo do rito é direcionado pelo Hino da Folia de Reis. É uma das principais músicas desse grupo, que apresenta seu repertório musical a partir de músicas com letras fixas, e não improvisadas, como diversas toadas entoadas por outras Folias de Reis. Além disso, o Hino de Folia de Reis surge a partir da canção “Reisado” recolhida e gravada por Pena Branca e Xavantinho.

Tais empréstimos de versos e música apresenta uma questão relevante para o entendimento dessa Companhia: ela é composta pela ressignificação de diversas práticas e influências. A partir do contato com esses fazeres, o grupo absorve e cria a partir de seus valores aquilo que melhor faz sentido para essa comunidade.

A Folia de Reis na sua formação original surgiu como um presente para um amigo que estava de visita ao Brasil durante as festas de fim de ano. A primeira Jornada foi planejada e realizada de forma rápida, quase que improvisada.

Então nesse dia a gente aprendeu uma parte daquela música da Folia de Reis do Pena Branca e Xavantinho, aí a gente cantou, o tio estava na viola, e o Junior estava no bumbo, o Arquimedes estava no bumbo, e a gente tinha uma bandeira improvisadíssima com um retalho e uma estrela prateada colada, de papel, papel laminado. E aí a gente foi na primeira casa, que era a casa do irmão da Glorinha, que a gente queria fazer essa surpresa para ele. (VASQUES, Regina. 2021)

Da improvisação, se construiu aos poucos a tradição da Companhia Cultural. Com os anos, o ritual foi crescendo, a partir desse ponto somente com composições autorais. O Hino de Folia de Reis é entoado no momento em que o grupo adentra a casa do devoto e se aconchega no maior cômodo, enquanto os donos levam as Bandeiras acompanhados pelos Palhaços e pelas crianças para os outros cômodos, abençoando todos os cantos da casa. A chegada das Bandeiras de volta ao grupo é celebrada por um momento de dança.

O ritual se segue com as seguintes etapas: transmissão de uma mensagem, rito de bênção da mesa de alimentos oferecida, agradecimento ao devoto, até o fim da visita. Para cada momento, uma música acompanha. Poderia discutir maiores detalhes sobre cada canção desse repertório, mas para esse trabalho escolho discutir sobre aspectos gerais da música.

Podemos compreender a música como elemento estruturador e estruturado da Folia. É estruturada pela manifestação pois ela é pensada e construída através dela, mas é estruturadora pois ela auxilia seu ritual, seja pelo caráter de louvação a Deus, seja pelo caráter

narrativo da história do nascimento do Jesus Cristo, seja pela descrição dos acontecimentos durante a visitação⁸. Trago dois exemplos que mostram o caráter narrativo e descritivo:

Caráter Narrativo:

*Três reis vieram de longe ai ai ai ai
E chegaram a Belém ai ai
Onde a Sagrada Família ai ai ai ai
E os animais também ai ai ai ai
aos céus diziam amém ai ai
(Hino da Folia de Reis, letra adaptada por Regina Vasques)*

Caráter Descritivo:

*Senhora dona da casa
Dá licença de agradecer
Essa fartura na mesa
Esse pão que vamo comer
Ai, Esse pão que vamo comer, Ai Ai
(Bendito de Mesa, Regina Vasques e Alberto Camargo)*

Sendo foliões representantes dos Reis Magos, elementos intermediadores entre o mundano e o divino, eles também atuam como mensageiros, distribuindo bênçãos. Dada tamanha função, é através da música que as mensagens do grupo são transmitidas, fazendo dos versos e das palavras os itens de maior relevância dentro da música.⁹

A música mais recente a ser incluída no ritual é a canção de Homenagem ao Devoto. É uma composição própria dos capitães da Folia, em que assim como as outras músicas, em sua maioria possuem letra da Capitã Regina e é musicada pelo Capitão Alberto. A principal função e motivação para essa etapa musical do ritual é trazer em evidência a importância dos devotos que recebem a Companhia em casa como elementos primordiais para a realização da Folia, uma vez que o grupo depende das visitas para cumprir sua Jornada.

Essa canção, porém, tem um aspecto musical que se difere do resto do repertório: ela está em compasso ternário ao invés de binário, e essa foi uma escolha consciente dos

⁸ Através da transcrição e análise das toadas cantadas por uma Companhia de Reis em Cajuru, Priscila Ribeiro consegue estabelecer características específicas na música e nos versos da Folia de Reis. (BUZZI, Priscila Maria Ribeiro. *"Ascendeu a Estrela Dalva num facho de branca luz": A música da Folia de Reis dos Prudêncio de Cajuru-SP, um legado*. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2017)

⁹ TREMURA, Welson. *A música caipira e o verso sagrado na Folia de Reis*. In: Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular. 2004.

compositores. Essa consciência vem do fato de entenderem que a música produzida por eles é fruto da interação de diversas vertentes e gostos musicais do grupo.

Essa interação se dá através das referências de outros estilos musicais que se somam à estética da música caipira, que rege o grupo e todos os rituais. O grupo instrumentalmente é composto pela Viola Caipira¹⁰, tocada pelo Capitão, seguida por violões e pelo bumbo, um instrumento rítmico essencial para trazer o andamento das músicas, que é mais acelerado.

Parte do andamento acelerado vem a partir da célula rítmica utilizada no bumbo, que se difere da célula utilizada na Viola Caipira. A levada¹¹ no bumbo, criada pelo Arquimedes, trás um efeito mais sincopado (de batidas deslocadas do tempo forte), que foi repassada para sua filha Ligia, quando o mesmo deixou de participar das Jornadas, e que hoje pertence à Luísa, filha de Alberto. Essa levada se transporece em quase todas as canções do repertório, e se intensifica nos momentos de dança do ritual.



Figuras 1 e 2: Comparação entre a levada do bumbo como na Viola Caipira (à esquerda) versus a levada do bumbo na Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria (à direita).

Além desses instrumentos fixos dentro do grupo, a depender da presença de certos foliões, a textura musical é incrementada por outras sonoridades: sanfona, cavaquinho, violino, e diversos instrumentos de percussão agudos (pandeiro, ovinhos, caxixi e diversos chocalhos).

Por muito tempo, enquanto criança, eu não tinha violão e nem sabia tocar, e junto às pessoas que também não conheciam instrumentos, para nos sentirmos mais participativos no som produzido, pegávamos instrumentos de percussão. Quem não tinha o seu próprio, normalmente recorria a um baú cheio deles, que ficava na Casa da Folia. Cada um pegava o seu na ordem de chegada, então era importante chegar com mais antecedência, que assim

¹⁰ O uso do nome Viola Caipira com letra maiúscula é feito intencionalmente dentro da compreensão desse instrumento como liderança dentro som produzido pela manifestação. Essa liderança sonora responde também a uma liderança do grupo, pela função próxima a de maestro que é assumida pelo Capitão, sendo sempre o primeiro a começar a tocar e dar entrada em cada canção.

¹¹ Levada é um termo musical utilizado para descrever um padrão rítmico recorrente que pode ser identificado em uma peça musical, podendo ser encontrado tanto na melodia, como também na harmonia e no ritmo. Por vezes, corresponde a um padrão rítmico associado a um determinado gênero musical.

conseguiríamos escolher melhor dentre as opções. Isso aconteceu até eu ganhar meu pandeiro meia lua, amarelo. Enfeitei ele com fitas, como era tradição do grupo de encher de fitas todos os instrumentos, chapéus, livros e carros durante a Jornada.

Não existe uma idade limite pré definida para uma criança deixar de caminhar por trás das Bandeiras. No meu caso, a grande mudança da minha função dentro do grupo foi a partir do momento que tive meu primeiro violão, podendo tocá-lo junto à trupe de tocadores.

Quando você toca violão, você deve sempre estar junto aos outros tocadores, e estar ao lado da Viola e do bumbo. Se ficasse longe, a distância entre você dos outros instrumentos poderia causar problemas de delay na canção, além de contribuir para uma dispersão do som, que era indesejada no grupo. Por conta disso, sempre andei atrás de um dos violonistas mais antigos do grupo, Daniel, músico, religioso e devoto.

Foi com a ajuda dele que aprendi as canções no violão. O grupo até possui um livreto com as letras e cifras na primeira estrofe de cada música, mas na realidade é muito difícil caminhar pelos cantos das casas com um livreto junto. Eu teria de memorizar, e aquilo que não memorizava, precisava imitar dos colegas. Sempre busquei me posicionar estrategicamente para poder observar a montagem dos acordes na mão esquerda de Daniel, e assim fazia no meu violão. Com tanto som sendo produzido, era difícil perceber se eu estava acertando as notas ou não. No grupo, uma senhora fazia parte do grupo dos violões, e certas vezes notava que ela estava tocando outros acordes, ou até demorando para trocar de um para outro. Porém, o resultado sonoro final não transparecia pequenas diferenças entre um e outro. Ali, o importante é a participação de todos, contribuindo ativamente na construção desse espaço simbólico, e uma vez que todos estejam participando e as principais mensagens sendo transmitidas, o objetivo do grupo é atendido.¹²

Meus principais momentos de atenção surgiam quando esse mestre do violão resolvia enriquecer a sonoridade do grupo com dedilhado ou montando acordes pelo corpo do violão, utilizando formas mais difíceis e com trastes. Fora isso, parte da acessibilidade que eu tinha em tocar as canções vem do fato do uso em sua maioria de tríades (acordes com três notas), e poucos acordes com o acréscimo de sétima. O fato de boa parte das canções serem na tonalidade de Ré maior ou em tonalidades vizinhas, como Sol Maior e Lá Maior, contribuía

¹² Tratam-se de valores associados à performance participativa - em que todos participam sem distinção entre performer e público-, termo cunhado por Thomas Turino ao diferenciá-la de uma performance apresentacional - em que há uma distinção entre os dois grupos, inclusive fisicamente. TURINO, Thomas. . Participatory and Presentational Performance. In: _____. *Music as Social Life: the politics of participation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

no processo de aprendizado e na performance, além de serem tonalidades boas para a Viola Caipira, afinada em Cebolão em ré (de baixo para cima, Ré - Lá - Fá# - Ré - Lá)¹³.



Figura 3: Imagem de folião com uma cola de acordes de cada canção, que está no processo de aprendizado do instrumento (Foto: acervo pessoal).

Porém, a estrutura harmônica ser considerada mais simples pelos acordes utilizados não significa que a música produzida pelo grupo é simples. A complexidade da música produzida pela Folia surge através das levadas rítmicas na mão direita, no acréscimo dos outros instrumentos, nas vozes e na abertura de vozes, e em todo arcabouço cultural carregado consigo, que é comum nesse repertório.¹⁴

Através da prática, fomentada pela escuta ativa, pela observação e pela imitação, tanto eu como diversos outros foliões encontraram na Folia de Reis um espaço de aprendizagem da música. Não são todos que possuem conhecimento em teoria musical (eu mesma só fui aprender teoria musical e leitura de partitura aos dezessete anos). Momentos como a participação nesse grupo contribuem na construção de uma experiência que atravessa e

¹³ A Viola caipira é composta por um conjunto de 5 pares de cordas, sendo os três pares de cima são afinados em oitavas, e os dois pares de baixo, afinados em uníssono. Além disso, esse instrumento possui diversas afinações possíveis, sendo a Cebolão em Ré apenas uma delas. Outras afinações conhecidas são Cebolão em Mi (Mi, Si, Sol#, Mi, Si), Rio Abaixo (Ré, Si, Sol, Ré, Sol), Rio Acima (Mi, Dó, Sol, Mi, Dó) e Boiadeira (Ré, Lá, Fá#, Ré, Sol).

¹⁴ VILELA, Ivan. *Viola: uma história sonora do povo*. 2022, mimeo.

impacta seus praticantes, uma vez que o aprendizado não acontece de forma passiva, mas sim no engajamento total do indivíduo naquele momento.¹⁵ E os benefícios que tal processo gera dentro de cada pessoa confere não apenas uma sensibilidade e um ouvido apurado, mas também uma musicalidade para além da junção e coordenação de notas em um instrumento¹⁶.

Na medida em que as crianças e os mais jovens do grupo foram crescendo, por toda experiência de acompanhar o ritual e a música produzida pelo grupo, aos poucos esses foliões foram se atribuindo de novas funções importantes na Companhia, sejam essas funções extra-musicais, como recitar versinhos, sejam elas musicais: tocando novos instrumentos e, se sentindo à vontade, trazendo novas texturas à música produzida vocalmente, na abertura de vozes ou nos seus instrumentos. São todos conhecimentos produzidos no seio da prática da Folia de Reis, mas que extrapolam a sua estrutura na vida de seus praticantes.

Esse extrapolamento acontece a nível social e musical em parte porque a Folia de Reis ocorre durante um curto período do ano, durante um curto ciclo que se fecha, abrindo espaço para outras práticas. Considerando o coletivo, surgiu-se uma urgência em que o grupo se reunisse em outras datas comemorativas, deixando de ser apenas uma Companhia de Reis e se tornando uma Companhia Cultural com diversas manifestações (Cordão Carnavalesco, Festa Junina, Grupo Musical), que serão exploradas à frente. Pensando individualmente, esse extrapolamento pode ser visto no âmbito musical através da busca dos seus membros pela continuidade na prática e nos estudos de música. Vários membros passaram a buscar estudar diversos instrumentos musicais e canto. Alguns desses, principalmente os mais jovens, desenvolveram os estudos dentro de instituições de formação dita “formal” (conservatórios e universidades), situação essa que me incluo.

¹⁵ Em *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*, Jorge Larrosa Bondía propõe uma percepção da educação como uma relação entre a experiência e o sentido, ou seja, de que o processo de aprendizado se torna mais efetivo quando a pessoa vivencia um fato, e esse o atravessa, gerando impactos. Esses impactos, gerando sentido, auxiliam na fixação, na compreensão e na construção de um saber da experiência. (LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In: Revista Brasileira de Educação. n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.)

¹⁶ VILELA, Ivan. *Por que minha música não entra no repertório*. 2022, mimeo.

UM CICLO QUE SE RENOVA A CADA CASA, A CADA ANO, A CADA RELAÇÃO

A percepção de ciclo dentro da Companhia de Reis Belo Sol de Santa Maria se encontra claramente em três momentos ritualísticos: durante o ritual de visita; durante a Jornada; e nas relações de trocas entre seus praticantes.

Musicalmente, o ciclo se une através do Hino da Folia de Reis. Trata-se de uma canção estrófica, que se repete na progressão harmônica (isto é, na sequência de acordes) e na melodia, tendo somente a letra alterada, com algumas modificações rítmicas de acordo com a prosódia do texto. Essa mesma estrutura é cantada no início como também no fim, a diferença está na letra e na duração. A entrada dura mais tempo, pois ainda estamos chegando à casa do devoto, a música começa do lado de fora da casa. Porém na hora da saída, por conta das dificuldades de dispersão do grupo para fora da casa, na maioria das vezes o hino é cantado no mesmo cômodo, com versos de despedida e uma dança final. Sendo boa parte do texto utilizado o da canção Reisado, o grupo se aproveitou dos versos “*Deus lhe pague a bela oferta ai ai/ Que vos deu com alegria*” para direcionar o canto para um estado de agradecimento e saída da casa.

Ampliando o campo de observação de uma visita isolada a uma casa para a Jornada como um todo, podemos encontrar o ciclo dentro de cada membro dentro da função de folião. Como dito anteriormente, existe um ritual de concentração dos foliões antes de cada dia de Jornada, sendo o primeiro dia um dos mais importantes do grupo. Nesse momento, cria-se esse processo de transformação de cada pessoa do grupo como folião e representante dos Reis Magos.

Da mesma forma, existe um rito que fecha essa transformação, que é o rito de encerramento, ocorrendo no final de semana mais próximo ao dia seis de Janeiro. Em diversas tradições, o dia de Reis é marcado por uma grande festa aberta à comunidade planejada com os donativos dos devotos, ou por vezes financiada por um patrono. Na Companhia Belo Sol de Santa Maria não existe tal tradição, e o encerramento é uma festa

fechada aos membros. O dinheiro e os donativos arrecadados durante a Jornada é destinado diretamente para instituições de caridade.

Nessa festa fechada, acontece um dos momentos mais simbólicos do grupo. Esse ritual consiste na performance de uma canção (Canto de Encerramento). Também estrófica, ela consiste em versos que relembram os feitos do grupo durante a Jornada e que, ao fim, vão descansar:

*Completamo a jornada / Fomos Reis de muita raça
Reis do céu e Reis do mar / Da terra e Reis da praça
Hoje vamos descansá / Nosso ano começá
E viva toda essa graça! / Ai Ai
(Canto de Encerramento, Regina Vasques e Alberto Camargo)*

Porém, esse descanso atribui um novo significado quando se olha a cerimônia como um todo: enquanto se canta essa canção, aos poucos os foliões retiram seu uniforme, colocando-o sob um altar junto às bandeiras. Aqueles que possuem instrumentos também os depositam nesse espaço, continuando a cantoria apenas com a voz e palmas.

Normalmente existe uma hierarquia entre esse desprendimento das vestes e instrumentos. As pessoas que não possuem instrumentos ou instrumentos percussivos agudos são as primeiras a começarem esse processo, ficando por último os instrumentos maiores. Dentre eles, o bumbo é o penúltimo instrumento a ser tocado, restando somente a Viola (ou vice-e versa).

Todos neste momento estão apenas na voz e nas palmas, e somente se ouve a Viola Caipira como acompanhamento. Assim, o capitão do grupo chega ao altar, deixa de tocar sua Viola e a guarda ao lado das Bandeiras. Os últimos versos são entoados e o grupo termina a Jornada com uma salva de palmas.

Esse ritual, portanto, simboliza uma destituição das funções divinas que tanto os membros foliões como também seus instrumentos tinham atribuídos durante o período de Natal. O ano já começou segundo o calendário, porém esse ano só começa para o grupo como cidadãos do mundo com o fim da Folia. Nessa manifestação, assim como em outros exemplos pelo país, o sagrado e a festa fazem parte de um fazer lúdico, logo cerimônias como esta são elementos relevantes na construção dessa ludicidade. Com o rito encerrado, esses mesmos instrumentos logo em seguida são usados para tocar divertimentos e dar seguimento à festa, também se destituindo de uma roupagem sagrada que possuíam durante as visitas. E assim, o ciclo se renova, até o início da próxima Jornada no mês de dezembro do mesmo ano.

O último ciclo caminha pelas relações estabelecidas entre seus praticantes. Junto a todo material religioso e musical dessa manifestação, podemos encontrar diversos valores e práticas do cotidiano rural e caipira, principalmente àquelas relacionadas ao coletivo. Trabalhando coletivamente, a estrutura das relações entre foliões e devotos se dá por um ciclo de trocas, assim como ocorrem as circulações de dádivas¹⁷. Na Folia de Reis, essa troca se gera pelo diálogo em que devotos oferecem alimentos, pousos e donativos e que, em resposta, recebem bênçãos dos foliões.

A participação dos membros e devotos dependem de seus engajamentos, uma vez que nenhuma das partes produz ganhos econômicos, mesmo envolvidos por um contexto permeado pela lógica capitalista de produção e venda. Na Folia de Reis, essa troca não é precificada e possui um valor extra-monetário, caminhando pelos campos da moral e dos valores religiosos. Assim, a rede de trocas entre essas duas esferas acaba gerando práticas e valores que fortalecem tanto o grupo como a manifestação em si no quesito de existência e permanência.

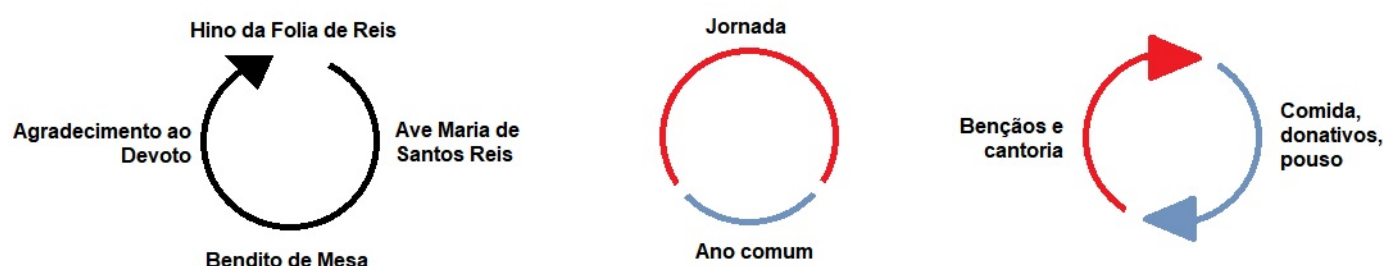


Figura 4: sequência dos três ciclos mencionados no trabalho: o primeiro, na esfera musical do ritual de visitação; o segundo, no ciclo anual em que os foliões se inserem; e o terceiro, na relação de trocas entre foliões e devotos.

¹⁷ Marcel Mauss, antropólogo, desenvolve um ensaio que debate sistema de trocas entre coletivos. Essas relações, que geram uma circulação de dádivas, consistem em trocas de bens diretamente ligados ao seus doadores, estabelecendo uma espécie de contrato em que na medida que um entrega um certo presente, o outro retribui com outro presente. Através de estudos de casos, o pesquisador busca fazer uma análise generalizada que pode ser pensada em diversas sociedades e comunidades, como no caso nas relações de trocas das Folias de Reis. (MAUSS, M. [1923-24]. *Ensaio sobre a dádiva*. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo : Edusp. 1974)

PRIMEIRO PARÊNTESES: O QUE SE TRAZ, O QUE SE LEVA

A Folia de Reis é engajada por pessoas com desejos e percepções próprias de suas vidas, e da mesma forma que cada uma contribui com sua história dentro dessa comunidade, as práticas da Folia de Reis também constróem a vida do folião fora do contexto da festa¹⁸. Essa troca de saberes e práticas podem ser percebidos sobre dois pontos de vista: ao nível individual, e ao nível coletivo.

Individualmente, vemos membros praticando os valores de solidariedade e humildade pelas contribuições pessoais com doações e auxílios a organizações não governamentais e instituições de caridades. Um dos palhaços do grupo, antes mesmo de assumir sua função na Folia, realizava trabalho voluntário como palhaço em hospitais. Diversas instituições de caridade são conectadas com a Folia de Reis através do contato pessoal de seus membros com esses espaços.

Já as trocas a nível coletivo entre os membros e a Folia de Reis se dá no crescimento das suas práticas. O período entre Natal e Dia de Reis não era mais suficiente. E de forma natural, após o rito de encerramento da Folia, que acontece no início de Janeiro, há um momento de descontração do grupo, sempre envolvendo música e cerveja. Com o início do ano, o próximo feriado é o Carnaval, e animados com a próxima festividade, tornou-se uma tradição o grupo tocar marchinhas de carnaval até o fim da festa. Até que foi proposta a criação do Cordão Carnavalesco Bela Época.

Esse crescimento orgânico do grupo e suas práticas passou a comportar não somente a Folia de Reis, mas também seu Cordão Carnavalesco, uma Quadrilha Junina e um coletivo de visitas musicais a asilos. Ao se engajarem nessas práticas, o grupo assume uma posição de valorização de tradições consideradas antigas, podendo ser potencialmente esquecidas com o impacto da lógica e valores capitalistas e cosmopolitas no Brasil. Sejam os cordões

¹⁸ Etienne Wenger introduz o conceito de comunidade de prática como um agrupamento de pessoas que se engajam ativamente para a construção de determinado fazer, sendo nesse caso, o agrupamento formado pelos foliões, e a prática a Folia de Reis. Juntos a essa formação, diversos outros pontos podem ser levantados, sobre a participação dos membros nessa prática, nos processos de aprendizagem que decorrem dessa situação, e sobre a relação destes com o contexto externo. WENGER, Etienne. *Communities of Practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998

carnavalescos com marchinhas tradicionais que se escondem entre os diversos bloquinhos temáticos que lotam ruas e avenidas de São Paulo, sejam as tradicionais danças de quadrilhas durante o São João.

Todos esses aspectos demonstram como a vida cotidiana dos foliões consegue se dialogar com o âmbito sagrado, social e cultural em que a Folia de Reis se insere. Essa relação é impressa na adequação de cada prática a realidade e ao contexto do grupo, na composição de cada canção usando versos dos próprios foliões, construindo um ritual se utilizando de exemplos de valores comuns e vivências cotidianas. Isso contribui com o processo de identificação do grupo para com o sagrado, uma vez que ele consegue se enxergar como membro ativo nas suas práticas, possibilitando essas relações de trocas efetivas entre manifestação e manifestantes.

COMPANHIA CULTURAL: FOLIA DE REIS COMO ATO DE RESISTÊNCIA

Uma vez compreendidos os valores e pilares que constroem a Folia de Reis, surge-se a questão: por que tal manifestação, de tradição rural e antiga, resiste e, mais do que isso, se fortalece nos espaços urbanos e industrializados?

A Companhia Belo Sol de Santa Maria começou suas atividades no ano de 1994 na região de Osasco. Hoje, o município conta com 3 companhias, que se originaram apoiadas e apadrinhadas umas pelas outras, realizando constantes encontros e trocas de saberes.

O grupo de foliões, que conta com cerca de quase sessenta integrantes (entre os mais ativos e aqueles não tão presentes), se destaca por ser diversificado na sua religiosidade, pelo seu nível de envolvimento e inclusive pelas correntes religiosas seguidas. Existem membros que são adeptos e praticantes do catolicismo, enquanto outros não são praticantes apesar de católicos. Alguns são adeptos ao espiritismo, e existem entre eles até os agnósticos. Daqui surge um ponto a ser questionado: quais são os elementos que dão a liga a esse grupo, que permitem essa Companhia ter tamanha continuidade mesmo em solo urbano?

Encontramos em diversos relatos a importância da religiosidade como liderança dessas práticas, assim como a Estrela-Guia foi para os Reis Magos. Muitas tradições de Folias de Reis se desenvolveram a partir do pagamento de promessas, como uma forma de agradecimento a alguma graça alcançada. Nesses casos, podemos notar a relevância do teor religioso nas suas práticas.

Já na Companhia Belo Sol, apesar dela possuir como fundamento a narrativa do nascimento de Jesus Cristo, ela também carrega diversos outros fatores que contribuem com o engajamento de todos os seus participantes. Devido à grande diversidade de crenças de seus membros, é possível encontrar nessa manifestação específica não mais um foco do catolicismo romano, mas sim tópicos que são compartilhados entre as diversas correntes religiosas e filosóficas, especialmente relacionadas à valores. São modos de pensar e costumes que pertencem à cultura caipira, mas que também estão presentes em diversas manifestações religiosas.

Uma das maiores consequências dessa relação se encontra no fato do grupo a cada novo ano trazer um tema a ser discutido entre foliões e devotos. Esse tema é introduzido ao ritual da Folia através de um momento da visitação em que uma das participantes entrega um texto reflexivo e desenvolve o assunto ativamente com os donos da casa. Normalmente, esses temas estão ligados mais a esses valores compartilhados entre todos do que apenas os valores cristãos. Como exemplos de temas já abordados pelo grupo, podemos citar o amor ao próximo, respeito aos mais velhos, respeito à natureza, autocuidado, saúde em tempos de pandemia.

Tão importante como o tema em si, é também a forma como ele é definido. Cada Jornada não se inicia pelo ritual musical em si, mas pelas reuniões de organização do grupo, que ocorrem geralmente em novembro. Nessa reunião, todos os participantes tem igual voz para proporem ideias que podem liderar o grupo nesse novo ano. Tal lugar de fala disponibilizado para os foliões auxilia no seu sentimento de pertencimento e assim, contribui na sustentação e continuidade do grupo.

Em constante conversa com minha tia, capitã do grupo, ela comenta sobre um evento fatídico do grupo, quando ela em uma dessas reuniões iniciais apresentou um texto como aquecimento para as conversas definidoras do tema. Esse texto discutia a importância do devoto como principal rede de apoio e sustentação da Folia de Reis. Portanto, sem o devoto, a Folia não teria motivação para sair em visita.

Ou seja, existem outras práticas que contribuem e desempenham papel fundamental na composição do grupo, para além de uma questão puramente religiosa. A permanência e chegada de novos integrantes se dá por diversos motivos, pela ligação religiosa, mas também por ligação familiar, ligação cultural, entre outros valores as quais essas pessoas se identificam com o grupo. A união, sendo assim, surge da junção de valores compartilhados, somado a um senso coletivo e individual de pertencimento a essa manifestação.¹⁹

Outro valor que pode ser notado nesse crescimento diz respeito inclusive à circulação de dádivas, em que tal sistema de trocas ocorrentes na Folia acabam penetrando no cotidiano de seus praticantes, na realização de outras atividades dentro da Companhia, como também nas suas atividades particulares. Como exemplo, o Grupo Sol, o coletivo dessa Companhia que realiza visitas musicais e levam donativos a casas de repouso e de apoio à pessoas

¹⁹ O sentimento de pertencimento gerado nos seus participantes resulta numa sensação pessoal de auto-empoderamento, uma vez que o folião reconhece sua importância dentro do grupo como representante dos Reis Magos e também como artista. Apesar do caráter religioso e de partilha da Folia de Reis, essa manifestação também possui um caráter de performance, em que a prática da Folia de Reis é um show apresentado dentro da casa de cada devoto.

vulneráveis, além de ser possível notar diversos membros diretamente envolvidos com organizações de caridade.

Valores e costumes não são apenas praticados, mas também transmitidos e ensinados a todos que se envolvem em algum nível. Ao participar da Folia de Reis, o aprendizado acontece em diversas frentes, e em sua maioria, não vem caracterizadas como ensino, uma vez que elas são aprendidas através da experiência. Esse fenômeno é apresentado por Jadir de Moraes Pessoa como Situação de Aprendizagem²⁰. Na Folia de Reis as situações de aprendizagem se desenrolam em diversas frentes. Algumas delas são interessantes de serem refletidas aqui. Em um primeiro nível encontramos o aprendizado do próprio ritual, entendendo cada etapa, o que cantar, e como se comportar.

E existem pontos mais profundos, entre eles o aprendizado em nível musical, religioso e no de valores e costumes. Assim como eu, diversas crianças e adultos aprendemos a tocar e a cantar participando das visitas. Também, ao cantar e recitar versos, as pessoas aprendem sobre a história de Jesus Cristo, sobre narrativas bíblicas a partir do ponto de vista da interpretação que o próprio grupo construiu a partir do livro sagrado. Ao construir esse espaço simbólico, de forma indireta também são ensinados os principais valores comuns às comunidades caipiras e ao próprio grupo²¹.

Tais considerações corroboram com a ideia que Xidieh apresenta sobre a resistência dos povos e da cultura camponesa, que resulta da aglutinação de certos valores e práticas em meio a uma assimilação da cultura imposta pelo meio socio-econômico mais forte, que impera e de certa forma regula e se impõe no cotidiano de todos. Perante todo impacto de uma cultura capitalista e industrializada, as populações de cultura minoritária e marginalizada acabam por abraçar certos valores e tradições, fortalecendo-os, transmitindo-os e os impedindo de desaparecer ante a assimilação de novos costumes da cultura dominante.

Podemos também focalizar a nossa atenção em outros tipos de resistência, e dentre eles, este que, para nós, é de suma importância. Há um momento em que um dos grupos concede e acaba por aceitar formular propostas pelo meio sócio-culturalmente mais poderoso. Mas, essa concessão implica o abandono total dos seus valores culturais? Tudo está a indicar que não, e podemos admitir que ao lado de um empobrecimento daqueles valores, de um modo geral, ocorra um revigoramento deles quando, por acumulação, se adensam em torno de algumas

²⁰ Este conceito é discutido e dialogado com a prática da Folia de Reis em PESSOA, Jadir de Moraes. Mestres de Caixa e Viola. *Caderno Cedes*, Campinas, n. 7, vol. 71, p. 63-83, jan./abr. 2007.

²¹ Dentre eles, se destaca a relação de confiança entre devotos e foliões. Para a visita acontecer, os devotos precisam abrir as portas de casa para um bando de pessoas que possivelmente nunca conheceram antes na vida. Pensando no cotidiano urbano, em que cada vez mais famílias se isolam dentro de casa com muros e cercas elétricas, a simples atitude de fornecer a própria casa para receber desconhecidos depende de um alto nível de confiança de que nada de mal irá acontecer a eles.

práticas e de alguns costumes que encontram possibilidades de permanência. E, condensados, perpetuam-se e funcionam nalguma esfera do folclore, irradiando-se dali como formas de explicação e modelo de comportamento, reduzindo ao contexto tradicional as novidades eruditas, ou as coisas, conhecimentos e situações que, de um modo ou de outro, poderiam escapar ao domínio popular. (XIDIEH, 1993, p.82)

Dentre essas tradições, encontramos a Folia de Reis como manifestação folclórica como uma prática reforçada e fortalecida, uma vez que ela carrega consigo diversos fazeres morais e costumes correspondentes ao modo de ser e pensar do povo caipira.

SEGUNDO PARÊNTESES: NOTAS SOBRE A CONSTRUÇÃO DO SABER MUSICAL

Cabe aqui fazer um pequeno adendo sobre o aprendizado musical. Foi através da convivência e experiência que consegui iniciar meus estudos de música, que se desenvolveram posteriormente com meus estudos em conservatórios e na Universidade. Assim como eu, outras crianças da minha geração percorreram caminhos semelhantes, algumas desenvolvendo estudos autônomos e pessoais nos seus instrumentos, e outras também caminhando pela profissionalização.

Apesar de serem consideradas formas distintas de aprendizado, o aprender pela experiência e imitação criativa²² e o aprendizado mais institucionalizado podem ser encarados como processos complementares.

Pensar em metodologias de transmissão oral, de aprender música “de ouvido” (através da escuta e observação repetitiva), talvez frente as ferramentas trabalhadas nas formações ditas “eruditas” (nos ambientes conservatoriais, focadas na leitura de partituras musicais) não sejam tão eficientes quanto as segundas, mas podem conferir nuances diferentes àquele que aprende, como a criatividade, a capacidade de resolver problemas, e a musicalidade. Em outras palavras, aprender tocando, aprender experienciando. Como consequência, o aprender pela experiência pode tornar o processo mais longo, mas, por outro lado, facilita o músico (ou até pessoas de outras áreas) a enraizar tais aprendizados²³, em parte pelo afeto criado entre o indivíduo, seu desenvolvimento e as demais pessoas e locais envolvidos.

Iniciando meus estudos musicais no seio dessa manifestação, e depois caminhando pelos conservatórios, hoje retorno ao grupo com a função de auxiliar-los em desenvolver suas técnicas musicais, buscando atingir novas sonoridades na sua música. Com minha formação institucional busco colaborar na construção de novos saberes do grupo, respeitando e

²² Termo cunhado por Ivan Vilela Pinto durante apresentação da Palestra de abertura “Porque minha música não entra no repertório?” do IV Colóquio de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Música da UFPB, de 1 a 5 de junho de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qB3YT_0PRCI>.

²³ VILELA, Ivan. *Porque a minha música não entra no repertório?* 2022, mimeo.

buscando aproximar as técnicas junto às suas práticas cotidianas: pela escuta, discussão, repetição, experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a Folia de Reis uma crônica da vida camponesa²⁴, a Companhia Belo Sol tem como função não apenas transmitir as práticas e valores da vida do caipira em pleno centro urbano, mas também de valorizá-las, sendo representantes ativas da resistência. Dentre esses valores, podemos perceber nos seus fazeres a importância da solidariedade, do respeito e fidelidade à palavra dada, a independência moral e a honestidade²⁵.

Portanto, o compartilhamento desses valores e costumes, somado ao reconhecimento consciente da importância do devoto dentro da prática da Folia de Reis, contribuem para o fortalecimento do coletivo. Essa sensação de identidade e pertencimento é construída em parte pelo movimento constante de seus membros em se informarem sobre aquilo que praticam. Os capitães, em conjunto com outros foliões mais experientes sempre buscam reforçar a todos sobre a origem da manifestação, as motivações para a realização de cada ação e sobre as funções e importâncias de cada um dentro da manifestação. Dessa forma, essa atitude contribui para que essas pessoas criem sentido na sua participação do grupo, contribuindo com sua permanência na Folia, sendo ponto de resistência dessas práticas.

Resistência não só da prática da Folia de Reis, mas também dos valores e virtudes que são atreladas a ela, resistência da cultura popular, resistência dos laços de sociabilidade e solidariedade, essa rede de práticas que envolve a comunhão e a música, da qual o grupo possui consciência da sua função e importância. Aquilo que os une se torna naquilo que persiste, através do tempo, reimaginado, reinventado, ressignificado.

Outro aspecto perceptível em relação a todos os fazeres da folia diz respeito à dádiva da solidariedade, contida no ceder da casa e na oferta de alimentação por parte dos devotos, e nos agradecimentos musicais e religiosos da parte dos foliões. Tais práticas são muito comuns ao campo dos povos humildes, e também uma marca da cultura caipira. Isso é perceptível nas

²⁴ O que Brandão define por “vida camponesa”, pode ser entendido como o modo de vida das populações nas regiões rurais em que observamos essas manifestações. (BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes da Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981).

²⁵ Tais valores compartilhados pela população rural da região Sudeste do Brasil são explorados no trabalho de Oliveira Viana. (VIANA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho do Senado. 424.p. 2005.)

narrativas de Antônio Cândido²⁶, ao relatar a solidariedade entre vizinhos através dos “mutirões”, que se auxiliam nos processos de plantio e colheita, e nos agradecimentos através de festas regadas a boa comida e bebidas.

Também vemos isso evidente em diversas narrativas transcritas por Xidieh, histórias essas que acabam por valorizar e defender valores e morais do povo do campo através de exemplos sobre a bondade, solidariedade, senso de coletividade e comunidade, e especialmente hospitalidade²⁷. Todos esses exemplos e valores podem ser encontrados nas práticas da Folia de Reis, sendo essa manifestação uma forma de reforçar tais valores entre seus praticantes.

Vemos aqui portanto três principais pontos que representam a existência da Companhia de Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria para a região Metropolitana de São Paulo, que pode ser refletida para outras manifestações populares pelo país. O primeiro, sobre a circulação de dádivas, na constante troca envolvendo foliões e devotos, foliões e Folia, e entre seus próprios participantes. O segundo, sobre a situação de aprendizagem, sobre como todas as vivências ofertadas pela prática da Folia de Reis contribuem na construção de saberes acerca do modo de viver e pensar caipira, da moral cristã e da música. E em terceiro, como essa manifestação colabora no processo de resistência de tais valores praticados e defendidos pelo grupo, simbolizando a valorização e perpetuação da cultura caipira e rural brasileira em plena cidade grande.

Este trabalho acabou por ser guiado metodologicamente por duas principais linhas. A primeira referência diz respeito à forma de abordagem aos materiais coletados e estudados. Já

²⁶ Nesse trabalho de Antônio Cândido, o pesquisador busca apresentar sobre o modo de vida dos caipiras, e as mudanças sofridas por essa comunidade no período de industrialização do Brasil no século XX. Neste trabalho, cabe relevar a questão de como essa população regula seu fazeres e seus valores pelo mínimo suficiente para sua sobrevivência. (CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Edusp. 2017.)

²⁷ “No campo da moral rústica, os valores referem-se a situações práticas, isto é, aos momentos em que, havendo solicitação, eles podem se exteriorizar, como meios acomodadores e reguladores, às virtudes e aos vícios que podem estar à base da ação, apresentando-se pois, como um **quadro de referência** em que, de um lado, está **aquilo que a sociedade rústica preconiza**, e de outro, aquilo que não deve ser feito nem pelo grupo e nem pelas pessoas. Pela análise do material, podemos propor a natureza desse quadro: **expectativas coletivas quanto à hospitalidade, à justiça, à moral dos costumes, ao direito de propriedade, com os correspondentes sentimentos e qualidades morais de bondade, boa-fé, modéstia, simplicidade e honestidade** em oposição à vileza com os os correspondentes sentimentos e defeitos morais de ganância, malícia, escárnio, hipocrisia, impostura, mentira etc.” (XIDIEH, 1993, p. 84, grifos nossos). XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas Pias Populares: Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro Andando Pelo Mundo*. São Paulo: Edusp. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1993.

a segunda referência está ligada à condução da pesquisa e apresentação dos dados e resultados. Xidieh (1993) bem resume a forma como essa pesquisa foi feita:

Todo o meu *modo* de pensar e repensar o material substantivo deste trabalho flui ao longo dele; nenhuma teoria, de início, e muito pouco, posteriormente, se colocou como conduto ou como forma à aproximação minha ao objeto. (XIDIEH, 1993, p. 129)

Sinto-me representada por essas ideias de Xidieh porque esse trabalho é fruto de uma vivência anterior até mesmo da minha formação na academia. A música e a experiência foram adquiridas ao longo de toda minha interação enquanto foliã. Assim se deu minha exposição de ideias: trouxe a partir das narrativas autoetnográficas pequenos fios que aos poucos ligavam as dúvidas e reflexões sobre o fazer musical e social da Folia de Reis. Porém, ao fim da pesquisa, todos esses movimentos representam uma escolha consciente de trazer um ponto de vista diferenciado para a pesquisa etnomusicológica, dando privilégio não à minha experiência, mas sim a experiência e o saber daqueles que pertencem ao mundo e cultura a qual a Folia de Reis e a Companhia de Reis Belo Sol de Santa Maria se insere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BRITO, Ênio J. da C. *Manifestações culturais e religiosas no Norte de Minas: dando voz a foliões, peregrinos e ancestrais esquecidos*. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 14, n. 43, p. 1093-1124, 30 set. 2016.

BUZZI, Priscila Maria Ribeiro. *"Ascendeu a Estrela Dalva num facho de branca luz": A música da Folia de Reis dos Prudêncio de Cajuru-SP, um legado*. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo. 2017

CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Edusp. 2017.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio. *Cientificamente Favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia*. TransInformação, Campinas, 18(2):103-112, maio/ago., 2006

LARROSA, Jorge. *Notas sobre a experiência e o saber da experiência*. In: Revista Brasileira de Educação. n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

MAUSS, M. [1923-24]. *Ensaio sobre a dádiva*. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In : _____. Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo : Edusp. 1974

PESSOA, Jadir de Moraes. *Mestres de Caixa e Viola*. Caderno Cedes, Campinas, n. 7, vol. 71. p. 63-83, jan./abr. 2007.

SARMENTO, Luciano Cândido e. *O devoto folião e a folia divina: música e devoção nas folias católicas em Montes Claros (MG) 2012-2015*. 214 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

TREMURA, Welson Alves. *A música caipira e o verso sagrado na Folia de Reis*. In: Anais do V Congresso Latinoamericano da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular. 2004

TURINO, Thomas. *Participatory and Presentational Performance*. In: _____. *Music as Social Life: the politics of participation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

VASQUES, Regina. Entrevista 1 [21 mai. 2021]. Entrevistadora: Julia Camargo. Osasco, 2020. 1 arquivo .mp4 (45 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo 1 deste trabalho.

VIANA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Conselho do Senado. 424.p. 2005

VILELA, Ivan. *Porque minha música não entra no repertório?* Palestra de Abertura do IV Colóquio de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Música da UFPB, de 1 a 5 de junho de 2020 (Evento online). Youtube, 25 de junho de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qB3YT_0PRCI>.

VILELA, Ivan. *Porque a minha música não entra no repertório?* 2022, mimeo.

VILELA, Ivan. *Viola: uma história sonora do povo*. 2022, mimeo.

WENGER, Etienne. *Communities of Practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998

XIDIEH, Oswaldo Elias. *Narrativas Pias Populares: Estórias de Nosso Senhor Jesus Cristo e mais São Pedro Andando Pelo Mundo*. São Paulo: Edusp. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1993.

ANEXO 1:

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA COM REGINA VASQUES, CAPITÃ DA
FOLIA DE REIS BELO SOL DE SANTA MARIA

21 de maio de 2021

Julia: Quais foram as pessoas envolvidas no primeiro dia e como que aconteceu, se vocês visitaram mais de uma casa nesse primeiro dia, e qual foi o ritual?

Regina: Olha, nesse primeiro dia estávamos eu, o Alberto, a Glorinha, o Arquimedes e a Preta. Só. Ou seja, cinco pessoas. As meninas não estavam. A Lígia acho que estava fazendo uma excursão com a escola, e a Alice ficou em casa. Então a gente fez, aí a gente foi lá para a casa da dona Lígia. Então nesse dia a gente aprendeu uma parte daquela música da Folia de Reis do Pena Branca e Xavantinho, aí a gente cantou, o tio estava na viola, e o Junior estava no bumbo, o arquimedes estava no bumbo, e a gente tinha uma bandeira improvisadíssima com um retalho e uma estrela prateada colada, de papel, papel laminado. E aí a gente foi na primeira casa, que era a casa do irmão da Glorinha, que a gente queria fazer essa surpresa para ele. E depois a gente passou na casa do Samuel e na casa da Leila e do Elias. Acho que foi isso, e depois a gente foi pra casa, finalizou lá na casa do Arquimedes e da Glorinha. Foi isso.

Julia: E a visita era como, vocês chegavam, tocavam a música? Tinha alguma outra coisa também?

Regina: A gente chegava, gritava os vivas. Esses vivas são sempre os mesmos. Na mesma ordem, salvo quando eu erro a ordem deles, que por incrível que pareça eu ainda erro as vezes, raro, mas erro. Então porque eu recolhi esses vivas de uma Folia de Reis que eu pesquisei em Carapicuíba. E que eram só homens, acho que era uma meia dúzia de homens que tocavam, mas era muito engraçado porque, até pouco tempo atrás eu tinha essa gravação, sabia? Uma gravação em fita cassete. Ai eles falavam assim: “viva a estrela Guia, viva o

Deus menino”, e todo mundo falava “viva”. Era muito engraçado, e aí eu peguei esses vivas aí. Então a gente gritou os vivas no começo. A dona da casa abriu a porta, a gente entrou cantando, aí ficou cantando, até o fim. E daí as pessoas deram alguma coisa para a gente comer, e aí depois a gente cantou de novo e fomo embora.

Julia: Entendi (risos). Legal, começa de uma sementinha mesmo. E qual é o perfil dos devotos que costumam pedir visita?

Regina: Olha, Ju, eles são, a gente atende devoto de toda classe social, a gente já foi assim, numas casas muito humildes, muito humildes, e a gente já foi em casas muito chiques. A faixa etária, eu acho que ela é bem variada, mas a maioria acho que é o pessoal de meia ideia que pede. Vez ou outra tem um casal mais novinho, que pede, mas é raro. A maioria é de pessoas de meia idade pra cima, os nossos devotos. Mulheres e homens, mas a maioria é católica. Acho que é isso.

Julia: Uhum. E aí eles entram com você como? Ligando, mandando e-mail? Como que funciona?

Regina: Então, isso mudou muito ao longo desses vinte e sete anos aí. No começo, eram mais os amigos mesmo, no começo que pediam. Então eles já sabiam que a gente estava se organizando para sair, então eles falavam: “passa na minha casa, passa na minha casa”. Aí começou a ampliar para os vizinhos “Ah, quando você passar na minha casa tem um vizinho que também quer, então você pode passar” Ah, então tá bom, lá a gente vai passar na sua casa e na casa do vizinho. Aí a própria pessoa fazia contato com esse vizinho, a gente mesmo que pedia isso. No começo era assim.

Aí depois de um tempo, no começo mesmo começou a acontecer uma coisa muito maluca que era assim: a gente estava cantando nessas casas que pediam. Aí um vizinho escutava que a gente estava cantando, e aí ele ia lá de improviso e pedia para a gente cantar na casa dele. Então nos primeiros anos que aconteceram isso a gente decidiu que a gente não negaria nenhum pedido. Mesmo porque a grande maioria que pedia, pedia porque tinha um doente em casa, ou porque tinha acontecido alguma coisa, ou simplesmente porque lá na terra dele tinha e nunca mais ele tinha visto aqui na cidade. Então a gente falou “não, então vamos passar”.

Só que isso causou uma confusão muito grande para nós, porque a gente acabava fazendo muitas casas num mesmo dia, e acabava sendo, como que eu falo, complicado porque a gente tinha pressa, né. Imagina, você passar em 10 casas em um dia, você tinha que passar rápido na casa, e isso causava um pouco de frustração para alguns devotos, que tinham arrumado uma mesa bem bonita, que tinha feito um preparativo super bacana. A gente entrava, cantava, comia tipo beliscava alguma coisa só pra, as vezes a gente nem comia, só bebia alguma coisa, e já saia para uma próxima casa. Então a gente ficava frustrado com isso, a gente sabia que naquele momento tinha que ser diferente, e a gente não estava fazendo isso. E o devoto também ficava frustrado porque ele queria conversar também um pouco com a gente, ele queria que a gente ficasse lá, e a gente não conseguia ficar.

E assim, muitas vezes a gente tentou mudar isso mas tinha resistência ainda de alguns foliões. Eles falavam: não, porque sempre foi assim, a gente sempre entrou nas casas de quem pedia de ultima hora, porque que vai ser diferente agora, então teve uma puta resistência, até que esses foliões começassem a sentir na pele também que era desgastante, né. E que a gente não tava fazendo o trabalho que a gente precisava fazer. Então aí a partir desse momento o que começou a acontecer: em cada giro que a gente ia, a gente levava uma pastinha e se a pessoa pedia pra gente ir na casa dela, a gente dizia que iria no ano que vem. Então ela passava os dados para a gente, e tudo, e aí quando chegava perto da Folia sair, lá para outubro, novembro, a gente começava a fazer as ligações para essas pessoas que pediam.

Então era assim que a gente fazia contato. E continuou assim por muito tempo até dois anos atrás. Porque assim, sempre quem faz o contato com essas pessoas, que pedem sou eu ou o tio. E o que que acontecia muito: aí você ligava, isso acontecia muito Ju. Primeiro você ligava e falava: olá, boa tarde, eu sou a Regina da Folia de Reis gostaria de falar com a fulana de tal, com o fulano de tal. Então muita gente já desconfiava, achava que era alguém querendo vender alguma coisa, gente que não sabia, e aí falava: “ah, a pessoa não tá”, “ah, você poderia deixar o recado para mim”, ah ta bom mas ela retornava nunca o recado. Outra coisa era assim: aqui era a Regina da Folia de Reis estou entrando em contato porque você deixou um pedido com a gente. E aí a pessoa: Folia de Reis? Ah, não lembro. Ai a gente: ah, então, a gente foi na casa da sua vizinha aí você... “Ahhh é verdade, mas esse ano a gente não vou poder.”

Então assim, na hora as pessoas ficam muito empolgadas e pedem. Quando passa o ano inteiro, esfria essa empolgação, e as pessoas acabam desistindo da ideia. Não é todo mundo, as vezes não é nem maioria, mas é uma quantidade grande. Então a partir daí a gente resolveu fazer diferente: em vez da gente marcar o nome da pessoa a gente entrega um cartão

para a pessoa ligar para a gente. Quando for novembro, por exemplo. Olha, a partir de outubro, final de outubro, começo de novembro dizendo que você quer a Folia e a gente encaixa você no roteiro. E não tem dado tão certo também, porque as pessoas esquecem (risos).

Então na verdade a gente está em processo de descoberta de como isso vai funcionar. O que a gente acaba fazendo é repetindo a passagem na casa de alguém que pediu e continuou pedindo. Ah eu também quero esse ano, óh, por favor. Que a gente sabe que é devoto mesmo, que a gente sabe, eu acho que a gente está caminhando para um processo bacana, mas eu ainda não sei qual vai ser ele (risos).

Julia: Mas essas visitas, por exemplo, elas não seguem aquela lógica de sete anos, né? Que algumas folias cumprem promessas de sete anos visitando.

Regina: Ah, não Ju, porque às vezes a pessoa não quer mais, entendeu? Legal, a Folia lá foi uma vez, e ano que vem não quer mais, já foi bacana e tal. Tem isso. A maioria quer de novo, quer repetir a visita, mas tem muita gente que não quer. Então a gente, como é que você vai forçar isso, né? “Ah não, a gente tem que passar sete anos na sua casa?” Não dá né. Então a gente espera muito a vontade do pessoal.

Julia: Sim, e depois, com essa lista de casas interessadas vocês fazem as divisões dos dias por proximidade?

Regina: Sim, proximidade, exatamente. Então a gente procura casas num mesmo bairro, e depois casas que por exemplo não é do mesmo bairro mas faz parte do trajeto, pra você chegar nesse bairro você com certeza passará na casa, ou próxima da casa dessa pessoa. Então tem a ver com isso, porque como a gente vai de carreata, e a gente vai de muitos carros muitas vezes, os caminhos precisam ser bem claros para as pessoas, para elas não se perderem, os foliões não se perderem. O que já aconteceu mil vezes, de pessoas se perderem. Então a gente procura fazer no mesmo bairro justamente para facilitar isso, mas não é, às vezes não dá. Às vezes você colocou, por exemplo, número de casas: **hoje a gente faz no máximo quatro casas por dia**. Aí a gente colocou quatro casas, aí tem uma, tem duas casas que você poderia passar lá, mas aí ficariam seis casas, então ficaria muito puxado. Então a gente deixa essas duas casas para encaixar em outro momento. Aí acontece de novo em outro bairro. Aí no final sobram essas duas casas e outras duas casas, ou uma que é bem longe. Aí a

gente faz, por exemplo, num último dia, nos últimos dias esses encaixes, um lá no norte, outro lá no sul.

Julia: E essas casas, elas ficam só na região de Osasco, ou também vai para algumas outras cidades?

Regina: Então, a gente fica só em Osasco, porque é muito longe para a gente ir para os outros lugares. Quando a gente, a gente já fez. A gente já fez casa por exemplo, em Barueri, acho que sim, e Carapicuíba, se não me engano. E aí a gente acaba fazendo só uma casa nesse dia. Porque é longe, então tem um tempo de deslocamento, tem o tempo que você fica lá, e quando você volta já ficaria muito, muito apertado para fazer mais casas. Então a gente resolveu que a gente só vai fazer em Osasco mesmo.

Julia: Entendi. E tem algumas perguntas que são específicas só para eu ter a informação certinha. Quando que mais ou menos começam as visitas?

Regina: Segundo domingo de dezembro. Segundo final de semana de dezembro, normalmente a gente começa no sábado.

Julia: Aí dão uns três, quatro finais de semana no máximo de visitas. Entendi. Ah, legal, legal. E aí mudando pro tema Folia Virtual. Como é que foi a escolha, da seleção das casas de visita dessa Folia Virtual.

Regina: Foram as pessoas que pediram mesmo, que ligaram, que a gente deixou cartãozinho. Aí elas ligaram, e a gente então fez a visita com essas pessoas. Foi legal porque, um exemplo: tem uma amiga da Neli que ela mora em Santana, lá na zona norte de São Paulo, no bairro Santana. E ela de vem em quando acompanha a Folia com a gente. E ela queria muito que a Folia fosse na casa dela. Mas a gente não saía porque era em Santana, por causa de tudo aquilo que já te falei. A gente teria que fazer só a casa dela nesse dia. E poderia a gente se perder no meio do caminho, você sabe que a faixa etária dos foliões é meio alta, o pessoal meio que se perde. Então a gente nunca foi na casa dela. Mas aí a gente conseguiu marcar essa visita este ano, né.

A gente também foi em outras casas bem longe, né, a gente chegou a ir pra, onde que a Lígia mora mesmo? Bahamas. E o critério foi bem esse mesmo: a gente quis atender as

pessoas que pediram e ligaram pedindo, e a gente conseguiu, e também aproveitar para visitar casas que a gente não poderia visitar de verdade, fisicamente né. Então a gente fez a visita virtual. Então a gente foi pra Bahamas, a gente foi pra Itália, a gente foi pra Brasília, né. E foi isso.

Julia: Sim, teve a visita que foi meio teste também, que foi com o capitão da Folia de Reis de Todos os Santos.

Regina: Ah é, a primeira visita foi com eles, porque na verdade foi assim: a gente passou desde o começo da pandemia o pessoal do encontro de Folias que somos nós três, as três Folias, nós estávamos assim: como que nós vamos fazer Folia esse ano? E sempre se comunicando, sempre falando, aí um tinha uma ideia, outro tinha uma ideia. Aí a gente ia trocando, e uma angústia muito grande da gente falar “meu Deus”, com uma parte de foliões - de outras folias a maioria - falando não, não tem que ter, a gente tem que estar dentro de casa enquanto todo mundo não for vacinado a gente não tem que sair, porque a gente tem que ser exemplo. Enquanto isso outros falavam “não, porque a gente consegue dar um jeito, a gente tem que ir”. E no final cada Folia achou o seu jeito, né. A Folia do Véu de Maria foi a única que eles se reuniram de verdade pra fazer, pra filmar o ritual, mas todo mundo junto e filmaram o ritual e daí eles mandaram esse ritual para as pessoas. A nossa ninguém se reuniu, a não ser as pessoas que moram na mesma casa, e na Folia do Valdir não, poucas pessoas se juntaram, a maioria fez cada um na sua casa a filmagem.

Então a gente dividiu isso o tempo inteiro. Quando a gente descobriu o nosso jeito de fazer, “olha, tá dando certo, a gente fez o teste, foi legal, então a gente queria convidar um de vocês, ou da Folia de Todos os Santos ou do Véu de Maria para fazer”. Mas a Véu de Maria estava com um pouco de dificuldade com rede de internet, e a gente acabou indo para a casa do Valdir mesmo e foi muito legal.

Julia: Foi, foi mesmo. E pensando em todas essas mudanças, e nessa experiência da Folia Virtual, você acredita que algumas coisas vão se manter para as próximas Jornadas, até presenciais né, e se sim, quais?

Regina: Dessa Jornada Virtual? Então, a gente ainda não conversou muito sobre isso. Mas de vez em quando a gente passa pelo assunto. Então talvez esse ano a gente faça alguma coisa meio híbrida, né, tipo, fazer visita nas casas de quem já tomou a vacina, por exemplo, e só ir

nessa casa quem também já tomou vacina. E deixar esse aviso para que não convide pessoas que não tenham a vacina, né. Isso em algumas casas, e em outras casas fazer virtual mesmo. É, eu acho que eu não sei o que poderia se manter do que aconteceu na Folia Virtual. Eu não sei, eu sou um pouco tradicionalista, eu acho que voltaria a ser tudo do jeito que era antes. Mas claro, né, se todo mundo tiver sido vacinado até lá. E é assim, é o primeiro semestre do ano mas a gente já tem essa angustiazinha, né. “Nossa meu Deus, como vai ser? Ai meu Deus, como vai ser?”

Julia: O tempo tá voando

Regina: Voa, que coisa [...] e a gente nem vê, né Ju

Julia: Pisquei e já está acabando maio, já está terminando o mês de maio, já acabou o primeiro semestre.

Regina: Você sabe que eu sempre peço as coisas da feira pra Melânia né, que nem vocês estão pedindo. E isso é uma das coisas que nunca mudam na minha semana. Então ela é um pouco referência para mim na semana porque ela é uma coisa que não muda. Então assim, hoje eu lavei alface né, que veio e tal, ontem eu coloquei na geladeira, hoje eu lavei tudo coloquei na cândida e tal. Aí eu pisco e quando vejo já tô lavando o alface de novo, parece que eu mal acabei de lavar a alface e eu to lavando de novo, guardando as coisas tudo lavada, ai meu deus

Julia: eu tomo susto com o dia que é o dia de pedir, que eu falo: meu Deus do céu, é hoje que pede a fruta, será que ela pediu a fruta?

Regina: é, tá passando muito rápido mesmo. E o pior é que está passando o tempo muito rápido e essa coisa não está se resolvendo.

Julia: É um passar rápido mas estagnado, você não vê mudança. Torcer logo para você, o tio, meu pai conseguirem tomar logo a vacina, que aí fica um pouco mais seguro, um pouco mais tranquilo. os cuidados vão continuar, mas pelo menos você se sente mais seguro.

Voltando rapidinho para a Folia presencial, eu lembrei de uma coisa que eu acho importante a gente pelo menos gravar, né. Que é uma coisa que eu noto que normalmente a

gente privilegia as últimas visitas para foliões, foliões também entram nessas listas, de visita. Como é que funciona um pouquinho disso?

Regina: Bom, os foliões sempre querem visitas na casa deles. Não adianta, eles podem ser da Folia, podem carregar a Bandeira, não interessa. Ah, eu lembrei de um negócio legal para falar daquela outra pergunta que você fez, mas deixa eu falar dessa. Então os foliões sempre querem visita nas casas deles, sempre. E todo ano a gente fala que a gente vai privilegiar quem é novo, quem a gente nunca visitou antes, e tal, mas que se sobrar um espaço a gente encaixa. Então eles torcem muito para sobrar espaço. Como é que sobra espaço? Sobra espaço quando você, depois que o seu roteiro está pronto, por região, como eu falei, a gente sempre liga para confirmar “olha, estamos indo para sua casa dia tal, papapapapa”. E acontece vez o outra das pessoas aconteceu alguma coisa naquele dia que é inevitável ou um imprevisto, alguma coisa, e a pessoa não pode receber a Folia naquele dia. Aí sobr, aí vaga né. Então o que que a gente faz, a gente passa todas as casas, muda de horário, coloca nos horários mais cedo, que as vezes acontece por exemplo, da terceira casa, ou da quarta casa não, da segunda casa, as vezes a primeira casa do dia dizer que não pode nesse dia. Ai a gente desce todo mundo, tira essa pessoa do primeiro horário e desce as outras para deixar o último horário pra uma casa de folião. Por que? Porque quando é na casa do folião a gente fica mais tempo lá (risos), a gente fica mais a vontade, aí rola uma cervejinha, aí rola umas cantorias, é mais gostoso. Então a gente procura fazer isso.

Uma coisa que aconteceu esse ano na Folia Virtual foi a visita das Bandeiras, que era isso que eu ia falar. Nuns anos atrás, acontecia por exemplo de a gente não ter espaço para nenhuma casa de folião, não conseguimos, fechamos tudo, não cabe folião. E aí ha alguns foliões ficavam muito sentidos com isso, muito sentidos. A Célia, por exemplo é uma que fica muito sentida quando a gente não vai na casa, a Nonna fica muito sentida quando a gente não vai na casa dela, a Silvana é outra. Então, assim, o que eu comecei a fazer? Isso foi uma ideia minha, eu falei então “Célia, você quer passar, quer que a Bandeira passe essa noite na sua casa?” E aí ela fala “ai, que felicidade [...]”. E aí foi uma descoberta, um meio de confortar esses foliões que iam ficar sem a visita da Folia. E aí neste ano, a gente resolveu aumentar isso, e aí todo mundo que queria ficar com a Bandeira avisou pra gente, a gente fez um roteiro de visita das Bandeiras e isso foi muito legal.

Julia: foi, foi mesmo, eu lembro quando passaram aqui. Eu entreguei pra Célia também, ela tava toda em extase.

Regina: Ela fica, ela fica assim, porque quem recebia a Folia na casa dela era a mãe dela. Então antes da Célia ser foliã com a gente, a Dona Maria recebia a nossa Folia na casa dela, que é onde a Célia mora agora. Então tem isso também, né. Aí ela diz que é Dona Maria que está recebendo na verdade, tem toda uma coisa assim, então ela faz muita questão da visita da Folia né. E a Nonna é a Nonna, a gente faz questão de agradar a Nonna, porque ela é uma devota mesmo, e faz questão e tal. Então, agora a gente tem a dona Maria de Lurdes. Que é lá de Quitaúna. Dona Maria de Lurdes há uns anos atrás, ha uns seis anos ela ficou sabendo da nossa Folia, e ela falou com a Irene, mãe do Eduardo, que ela era vizinha da Irena. Só que ela queria que a Folia fosse no dia 6 de janeiro na casa dela. Aí eu liguei pra ela, pra conversar, e ela falou assim “Não, Regina. Se não for no dia seis eu não quero. Só pode ser dia seis, porque sempre todo dia seis de janeiro tem terço na minha casa, a gente reza o terço, o Padre vem e aí eu queria receber a Folia depois do terço, da novena, sei lá, da reza. E tem que ser dia seis, porque é dia seis que vai ter todo mundo aqui”. Aí eu: “Dona Lurdes, não dá pra ser dia 6. Naquele ano lá, que foi o seis anos. Não dá pra ser dia seis porque dia seis vai cair numa quarta feira à noite. A gente nem vai fazer a Folia nesse dia. A gente vai adiantar o encerramento, ou adiar o encerramento. Mas eu tenho outro dia disponível.” “Não, em outro dia não quero”. Aí no ano seguinte foi a mesma coisa, aí no outro ano foi a mesma coisa. Aí ela desistiu da Folia, a Folia também desistiu dela. Até que dia seis de janeiro caiu num sábado. E tinha disponibilidade de casa, e bem naquele bairro. Aí eu falei, ah, quer saber, deixa eu ligar para dona Maria de Lurdes, saber se ela quer. Aí ela ficou doida, louca, em êxtase, ficou maravilhada. Aí eu falei: “olha dona Maria de Lurdes, mas a gente só tá fazendo isso porque este ano cai no sábado. Não fica pensando que todo dia seis vai lá”. Mas ela ficou feliz. É aquela casa em quitaúna, você já foi lá (J: ah, não sei). É aquela casa que a gente entra, em Quitaúna. A gente entra, e desce a rampa do carro, e dá num ranchão, assim. É um coberto, lá no fundo desse ranchão tem um presépio que ela faz, que é enorme, enorme, enorme, tem de tudo naquele presépio. Tem uma “batinha” cheia de moeda, que é pra quem quiser colocar, coloca, quem quiser levar, leva. Tem um monte de bonequinho, um monte de coisa naquele presépio. E aí a gente foi nesse dia seis, ela ficou desesperada, aí ela terminou lá o terço. Aí a hora que ela terminou o terço, a Folia entrou, deu tudo certo do jeito que ela tinha planejada. Ela é uma velhinha arretada, ela tem mais de oitenta. E ela é doida, ela é pequenininha mas ela é da pá virada. E a gente se apaixonou por ela, na verdade. E ela também.

Esse ano, inclusive, que a gente não fez visita, eu e o Alberto fomos lá na casa dela, pra levar um pen-drive, com o encerramento que a gente filmou, que a Luísa filmou. Pegou partinhas e partinhas. E aí a gente foi lá levar, ela ficou muito feliz, ela me deu um pano de prato que ela bordou de presente. Doida mas fofa. As filhas dela agora que tratam da Folia de Reis com a gente, quando a gente vai lá porque ela fica tão ansiosa, tão excitada assim, tão que faz mal pra ela. Então as filhas é que combinam e só contam pra ela quando tá chegando perto do dia, sabe?

Julia: Cada história boa, né?

Regina: Cada história doida né?

Julia: É doida mas mostra a força da fé, né? Pois é. E agora pra finalizar, são umas perguntas um pouco mais abstratas. A primeira é: **como você enxerga a sua função dentro da Folia de Reis?** Você, Regina.

Regina: Ixe, difícil, ein. Porque assim, as Folias de Reis não tem mulher, né, de um modo geral. Então mulher não tem muita função na Folia de Reis. Mas eu acho que a minha função é mais organizadora, sabe? Sabe coisas de coordenadora pedagógica? É meio isso, né. Então vamos organizar a primeira reunião e levantar o tema. Vai ser dia tal. No dia vai ser assim assado e assado. Eu cheguei a fazer um tutorial da nossa Folia de Reis em PowerPoint para passar pras pessoas, entendeu? Começa assim, quando a gente estiver dentro da casa da pessoa, até isso. Quando a gente tá dentro da casa da pessoa a gente tem que esquecer que você vai reparar se tá desorganizado ali, se está sujo ali, se tem um cheiro estranho lá, não. É devoto, você está entrando, você está levando uma mensagem, não interessa, cara, se a casa é bagunçada ou não. Até isso tinha no tutorial. E sempre nutrindo os foliões com a base fundamental da Folia. Então sempre um texto que fala sobre alguma coisa da Folia, sempre pra reforçar. As outras funções das pessoas na Folia também fui eu que organizei, então eu acho que minha função é mais organizadora mesmo.

Julia: É, eu te considero muito guia, como mestre na cantoria. Por conta dos vivas e na abertura de vozes.

Regina: Na cantoria? É, a gente acaba fazendo isso também.

Julia: Ai agora essa pergunta é mais difícil ainda: **porque fazer Folia de Reis?** É uma pergunta que me surgiu mais ao fim, de entender qual é a motivação de ser Folia de Reis, organizar no final do ano, sem receber dinheiro em troca, qual é a motivação, por que fazer Folia de Reis?

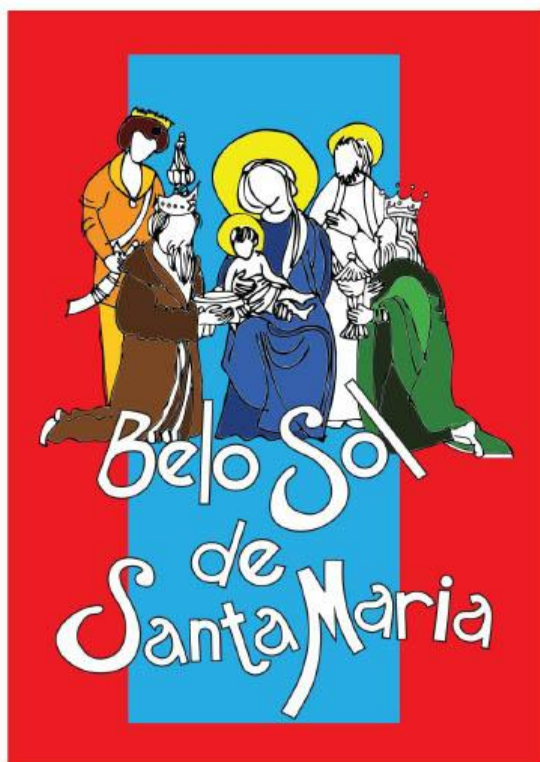
Regina: Eu acho que fazer Folia de Reis hoje em dia é ser revolucionário. É assim, Folia de Reis é luta para mim, para mim, em vários aspectos. Ela é a cultura raiz do Brasil, é um grito, é um grito de cultura raiz do Brasil no meio de tanta imposição cultural que a gente recebe de fora. Então é um grito mesmo. Acho que é uma primeira coisa que eu tenho de falar é isso. Acho que a Folia de Reis é um grito de resistência da cultura raiz do Brasil. Primeira coisa né, é a cultura resistindo, é a cultura raiz resistindo. Acho que a segunda coisa é também a resistência de valores que hoje em dia também estão perdidos. Quando a gente vai com a Folia de Reis na casa da pessoa, a gente não está levando a doutrina de nenhuma religião. Ela não é doutrinária. A gente não entra dizendo assim: você tem que ser católico e acreditar em Jesus. A gente entra dizendo: a gente tem que acreditar no amor, né. Que o que Jesus veio fazer por nós nesse planeta foi por amor, e a Folia de Reis é um grito de amor. Então é outra resistência aí. Que é a resistência desse valores aí. É a resistência da, como que eu posso falar, não sei se chamo de fé, não sei. Eu vejo que é resistência de fé também. Fé na pessoa, sabe Ju? Pensa comigo, olha só: você, uma pessoa liga pra você e fala assim “olha, eu quero receber a visita da Folia na minha casa, eu quero saber mais ou menos quantos vocês são para fazer a refeição”. Aí a gente fala: nós somos em trinta. A pessoa fala “ok”. E aí ela abre a porta da casa dela para entrar trinta pessoas que ela nunca viu na vida. Que ela não sabe quem são essas pessoas, o que que essas pessoas podem fazer pra ela. Já pensou se gente lá armada é, obviamente ela sabe que não é isso, mas vai que tem alguém que vai agir de má fé, vai que tenha alguém ali que vai, sei lá, pegar alguma coisa. Tudo isso passa minha cabeça, entendeu? Mas não, aí ela abre a casa dela, muitas vezes uma casa que comporta dez pessoas dentro, e vinte vão ficar pra fora. E vai ficar um monte de gente lá que ela nunca viu na vida, mas ela abre a porta pra receber isso, pra receber essa vibração. Então isso é fé, isso é fé, uma fé ingênua, mas é uma fé, então é uma resistência também. Então pra mim, se eu for falar numa palavra, Folia de Reis é resistência. É você resistindo, e resistindo em vários sentidos. É uma resistência de valores, é uma resistência de companheirismo, é uma resistência de cultura, é uma resistência de fé, mesmo, na religiosidade, não na religião mas nas religiosidade. E assim, é isso, nesse mundo que a gente vive, pensa bem, um mundo que é

violento, um mundo que é cada um dentro da sua casa com medo, um mundo que é mesquinho, né, que é tão desigual, um mundo, a gente vive num mundo ruim. Nosso planeta não é bom de viver, se a gente for pensar bem. Nesse mundo inteiro, nesse mundo estranho que a gente vive, a gente consegue ter um grupo de pessoas que se propõe a comungar num mesmo objetivo, sabe? E são pessoas que viraram meio que uma família mesmo. Assim, o que você precisar, o que você precisar você vai pedir e eles vão atender. É gente que vai estar com você em qualquer momento que você precisar, porque isso foi se criando ao longo do tempo, né, essa união, esse companheirismo, essa amizade mesmo, né. Foi se criando ao longo do tempo em volta desse objetivo comum que é a Folia de Reis. Isso também é resistência. Porque onde que você tem alguma coisa, onde você consegue ter um grupo tão forte de união, desse jeito? E as pessoas, quando veem, elas sentem isso.

Quando a gente entra na casa da pessoa, não é raro, é ao contrário, é muito comum, as pessoas dizerem: a energia que vocês trazem é muito grande. Por que? Porque a gente está imbuído dessa energia. E outra coisa que eu acho que também é a resistência é a alegria. Que a gente procura sempre levar alegria, coisa alegre, coisa divertida, coisa pra cima, que também é uma resistência nesses dias de hoje. Então é isso, eu acho que pra mim, Folia de Reis é isso. Enquanto a gente puder estar com essa Folia de Reis, fazendo isso daí, eu acho que a gente está no caminho certo.

ANEXO 2:
LIVRO DO REPERTÓRIO MUSICAL DA COMPANHIA DE REIS BELO
SOL DE SANTA MARIA, COM LETRA E CIFRAS

🎵 Folia de Reis 🎵



🎵 Osasco — SP — Brasil 🎵

HINO DA FOLIA DE REIS

(Tradicional, recolhido por Ely Camargo, adaptado por Regina Vasques)



D G
Deus te salve, casa santa, ai, ai, ai, ai

A7 D
Onde Deus fez a morada, ai, ai

G
E a família desta casa, ai, ai, ai, ai

A7 D A7
Que está abençoada, ai, ai, ... ai, ai

D
Por Ele iluminada, ai, ai

O galo cantou no Oriente ai ai ai ai / Nasceu a estrela da guia ai ai
Anunciando à Humanidade ai ai ai ai / Que o Menino Deus nascia
ai ai...ai ai / Em uma estrebaria ai ai

Três reis vieram de longe ai ai ai ai / E chegaram a Belém ai ai
Onde a Sagrada Família ai ai ai ai / E os animais também
ai ai...ai ai / aos céus diziam amém ai ai

25 de dezembro ai ai ai ai / Não se dorme no colchão ai ai
Deus Menino fez a cama ai ai ai ai / De folhas secas do chão
ai ai...ai ai / Pra nossa salvação ai ai

Senhora dona da casa ai ai ai ai / Olha a chuva no telhado ai ai
Venha ver o Deus Menino ai ai ai ai / Como está todo molhado
ai ai...ai ai / Com os três Reis ao seu lado ai ai

Deus lhe pague a bela oferta ai ai ai ai / Que vós deu com alegria ai
Os Divinos Santos Reis ai ai ai ai / São José e Santa Maria
ai ai...ai ai / Há de ser vossa guia ai ai

Os presentes que vos deram ai ai ai ai / Hoje nós reavivamo ai ai
Já vamos nos despedindo ai ai ai ai / E assim nós combinamos
ai ai...ai ai / Qualquer ano voltamo ai ai

Bênção inicial da Folia de Reis

(Regina e Alberto)



G D7 G F G
Pai nosso, que estais no céu / E também dentro de nós
D7 G A D7
Abençoe essa jornada, / Toda nossa caminhada,
C Bm D7 G
Que é em nome de vós / Que é em nome de vós
D7 G D7 G
Ai, Ai, Ai, Ai

Abençoe os instrumentos / E também a nossa voz
Toda fita pendurada, / Cada dança improvisada,
Abençoe a todos nós / Abençoe a todos nós
Ai, Ai, Ai, Ai

Que todas as nossas toadas / Os vivas e toda oração
Mostrem a sinceridade / Tenham muita humildade
Do fundo do coração / Do fundo do coração
Ai, Ai, Ai, Ai

Que a ida e a volta / Sejam de paz e harmonia
Que o povo dessa cidade / Receba de boa-vontade
Toda a nossa alegria / Toda a nossa alegria
Ai, Ai, Ai, Ai

Fortaleça nossa fé / Daqui pro ano que vem
Nos encha de bondade / Nos livre da falsidade,
E Viva os Santos Reis / E Viva os Santos Reis
Amém, Amém

Ave Maria de Santo Reis

(Cidinha e Alberto)



D A7 D
Ave, Ave, Ave Maria
 A7 D
O Santo Reis vêm te saudar

 G A7 D
Ó Mãe bendita do Jesus menino,
 Bm Em A7 D D7
Na gruta de Belém ao lado de José
 G A7 D
Três carneirinhos e o pastor a vigiar
 Bm Em A7 D
Aquece o Deus menino nesta noite de luar

Ave, Ave, Ave Maria
O Santo Reis vêm te saudar

Santa Maria que rogai por nós
Abençoa esta gente, abençoa este lar
Na linda noite a estrela guia tá no céu
Tome conta das crianças, protege quem anda ao léu

Ave, Ave, Ave Maria
O Santo Reis vêm te saudar

Virgem Maria olha todo irmão
Espalhado pela terra carente de proteção
Nós te louvamos com amor e fé
Louvamos teu filhinho, ele é o Jesus de Nazaré

Ave, Ave, Ave Maria
O Santo Reis vêm te saudar

Bendito de Mesa

(Regina e Alberto)



G C D7
Senhora dona da casa / Dá licença de agradecer
C G D7 G
Essa fartura na mesa / Esse pão que vamo comer
C D7 G
ai, Esse pão que vamo comer / Ai Ai

Os três Reis do Oriente / Vão fazer a louvação
Deus lhe pague esse devoto / Que abriu seu coração
ai, Que abriu seu coração / Ai Ai

A mesa da santa ceia / Pra nós é representada
Vamos repartir o pão / Dessa mesa abençoada
ai, Dessa mesa abençoada / Ai Ai

Em cada canto da mesa / Tem um anjo abençoando
Que Deus lhe traga fartura / Neste ano que vem chegando
ai, Neste ano que vem chegando / Ai Ai

Santo Reis que lhe acompanha / São José e Santa Maria
Tenha o agradecimento / De toda a nossa Folia
ai, De toda a nossa Folia / Ai Ai

Viva o dono dessa casa / Viva essa mesa sagrada
Jesus proteja esse lar / Onde Deus fez a morada
ai, Onde Deus fez a morada / Ai Ai

Agradecimento ao Devoto

(Osinete Marinho / Alberto Camargo)



A E7 A
Ó devotos desta casa
 E7 A
Grande é o teu merecimento
 E7 A
Pelos belos sentimentos
 E7 A
Nossa eterna gratidão
 D
Nosso reconhecimento
 A
Por tua grande atenção
 E7 A
Recebendo esta folia
 E7 A
Abrindo o teu coração

 D
Ó Devota e devoto (dona... e seu...)
 A
Do sorriso iluminado
 E7 A
Teu brilho ficou gravado
 E7 A
Nos versos desta canção

Jamais nos esqueceremos
Por tudo que recebemos
E partindo levaremos
Frutos desta emoção
Qualquer ano voltaremos
Pois aqui nós aprendemos
Que sempre encontraremos
O mel desta devoção

Canto de Encerramento

(Regina e Alberto)



C Am Dm
Hoje nós tamo encerrando / A nossa grande jornada
G7 C
Que começou em dezembro / E andou uma longa estrada
C7 F
Apresentamo a bandeira / Esquecemo da canseira
C G7 C
Passamo em muitas morada / Ai Ai

Como os três Reis do oriente / De porta em porta batemo
Levando a nossa mensagem / Muitos cantos nós fazemo
A bandeira colorida / Alegra mais nossa vida
Com mais amor nós vivemo / Ai Ai

Nossa jornada começa / Na hora da anunciação
Passa pelo nascimento / E por toda a adoração
Termina lá na lapinha / Na manjedora quentinha
Que nos traz tanta emoção / Ai Ai

Na viagem da esperança / Despertamo quem dormia
E pedimo pra entrá / Apontando a estrela-guia
Saudamo Jesus menino / Entoamo nosso hino
Levamo amor e alegria / Ai Ai

Do Oriente à Judéia / Nós tivemo que andá
O caminho foi distante / Nem se pode imaginá
A Estrela do oriente / De brilho tão diferente
Sempre teve a nos guiá / Ai Ai

O ouro é a realeza / O incenso a divindade
O óleo de mirra é / Toda nossa humanidade
Peregrinar é missão / Que se faz com o coração
E com toda a intensidade / Ai Ai



São José e Santa Maria / Sempre tivero pertinho
Acompanhando a bandeira / No cortejo inteirinho
De roda nós já brincamo / Muita canção entoamo
Só pra Jesus menininho / Ai Ai

Completamo a jornada / Fomos Reis de muita raça
Reis do céu e Reis do mar / Da terra e Reis da praça
Hoje vamos descansá / Nosso ano começá
E viva toda essa graça! / Ai Ai

Ciranda de Natal

(Osinete Marinho)



Em Am
O planeta azul andava
B7 Em
Desorientado,
E7 Am
Tão necessitado
D7 G B7
De um governador.
Em E7 Am
Mas o nosso criador
B7 Em E7
Deu de presente ao mundo pequenino
Am Em
Um professor em forma de menino,
F#7 B7 E
Co'ó coração repleto de amor.

E C#7 F#m
Era jesus que chegava, Iluminado pela estrela guia.
B7 E
Filho de José e de Maria, A alegria qu'este mundo precisava.
E7 A
Ventos nos campos cantaram Luzes e cores dançaram
Am E C#7 F#m B7 E E7
Estrelas girando brincaram. Que felicidade !!
A Am E C#7
A paz desceu sobre a terra E homens de boa vontade
F#m B7 E
Cantaram lindas cirandas, De paz, amor, fraternidade.

Noite Feliz

(Joseph Mohr 1816: Franz X Gruber 1818)



G
Noite feliz! Noite feliz!
D7 [C] G
Ó Senhor, Deus de amor!
C G
Pobrezinho nasceu em Belém;
C G
eis, na lapa, Jesus, nosso bem:
D7 Em Em/C#
dorme em paz, ó Jesus!
G D7 G
Dorme em paz, ó Jesus!

Noite feliz! Noite feliz!
Ó Jesus, Deus da luz!
Quão afável é teu coração
que quiseste nascer nosso irmão
e a nós todos salvar!
E a nós todos salvar!

Noite feliz! Noite feliz!
Eis que, no ar, vêm cantar,
aos pastores, os anjos do Céu,
anunciando a chegada de Deus,
de Jesus Salvador!
De Jesus Salvador!

Boas Festas

(Assis Valente)



D7 G D7 G
Anoiteceu, O sino gemeu,
E7 Am D7 G
a gente ficou, feliz a rezar...
D7 G D7 G
Papai Noel, Vê se você tem,
E7 Am D7 G
a felicidade, pra você me dar.

D7 G Bm Bbm Am
Eu pensei que todo mundo fosse filho de Papai Noel
D7 Am
Bem assim felicidade, eu pensei que fosse uma
D7 G
brincadeira de papel...

D7 G Bm Bbm Am
Já faz tempo que pedi mas o meu Papai Noel, não vem
D7 Am D7
Com certeza *esqueceu* ou então felicidade é brinquedo
G
que não tem.

Sino de Belém

(Jingle Bells - 1857 - James Pierpoint. Versão: Evaldo Ruy)



A
Hoje a noite é bela
D
Juntos eu e ela
E7
Vamos à capela
A
Felizes a rezar
A
Ao soar o sino
D
Sino pequenino
E7
Para deus menino
A
Nos abençoar
A
Bate sino pequenino

Sino de Belem
D A
Já nasceu Deus menino
B7 E7
Para o nosso bem
A
Paz na terra pede o sino

Alegre a tocar
D A
Abençoe Deus menino
E7 A
este nosso lar

Cálice Bento

(da Cultura Popular mineira)



A E7 A
Oh, Deus salve o oratório (2x)

A7 D E7
Onde Deus fez a morada, oiá, meu Deus
A (D A E7 A) 2x
Onde Deus fez a morada, oiá

Onde mora o cálice bento (2x)
E a hóstia consagrada, oiá, meu Deus
E a hóstia consagrada, oiá

De Jessé nasceu a vara (2x)
Da vara nasceu a flor, oiá, meu Deus
Da vara nasceu a flor, oiá

E da flor nasceu Maria (2x)
De Maria o Salvador, oiá, meu Deus
De Maria o Salvador, oiá

(Ivan Lins e Victor Martins)



No estandarte vai escrito / Que ele voltará de novo
E o rei será bendito / Ele nascerá do povo,
ai, ai

Folia de Reis

(Chico Anyasio e Arnaud Rodrigues)



C G7 C C7
Ai, andar andei
F G7
Ai, como eu andei
C C7 F
e aprendi a nova lei
C
Alegria em nome da rainha
E7 Am
E folia em nome de rei
F C
Alegria em nome da rainha
G7 C
E folia em nome de rei

Ai, mar marujei
Ai, eu naveguei e aprendi a nova lei
Se é de terra que fique na areia
O mar é bravo só respeita o rei

Ai, voar voei
Ai, como eu voei e aprendi a nova lei
Alegria em nome das estrelas
E folia em nome de rei

Ai, eu partirei
Ai, eu voltarei, vou confirmar a nova lei
Alegria em nome de Cristo
Porque Cristo foi o rei dos reis

(Adaptação de Caetano Veloso)



D
de São Salvador - Marinheiro só

ou foi o balanço do mar - Marinheiro só

D
com seu bonézinho - Marinheiro só

Laruê de Santo Reis

(Saulo Laranjeira e Heitor Pedra Azul)



C G7 C
Ô laruê, ô laruê, Ô laruê, ô laruê
Am Dm F G7 C
Ô laruê, ô laruê, Laruê, ô laruê

Este mundo tá queimando / Que nem pé de canção
Ai, Ai, meu Deus / Tem "spin" no coração

Ô laruê...

Esta casa tá bem feita / Por dentro, por fora, não
Ai, ai meu Deus / Por dentro, por fora, não

Ô laruê...

Dentro dessa casa mora / Duas pomba verdadeira
Ai, ai, meu Deus / Duas pomba verdadeira

Ô laruê...

Sinto cheiro, meu irmão / Da "fulô" da laranjeira
Quando o vento dá na chácara / Ressende a chácara inteira

Ô laruê...

Deus lhe pague a santa esmola / Deus lhe dê muito perdão
Perdão e caridade / Caridade é salvação

Ô laruê...

Este Rei tá indo embora / E a saudade vai "ficá"
Ai, ai, meu Deus / Temo muito é que "andá"

Cuitelinho

(da Cultura Popular recolhido por Paulo Vanzolini e Antonio Xandó)



C G7
Cheguei na beira do porto / Onde as onda se espaia
C G7
As garça dá meia volta / E senta na beira da praia
F G7 C
E o cuitelinho não gosta / Que o botão de rosa caia,
ai, ai, ai
C G7 F G7 C
Hê rê rê iê, rê rê iê, rê rê iá

Ai quando eu vim da minha terra / Despedi da parentáia
Eu entrei no Mato Grosso / Dei em terras Paraguaia
Lá tinha revolução / Enfrentei fortes bataia,
ai, ai, ai

A tua saudade corta / Como aço de navaia
O coração fica aflito / Bate uma, a outra faia
E os óio se enche d'agua / Que até as vista se atrapaia,
ai, ai, ai

Eu vou pegar seu retratinho/ Colocar numa medalha
Com seu vestidinho branco / E um laço de cambraia
Colocá-la em meu peito / Onde o coração trabaia,
ai, ai, ai....

Romaria

(Renato Teixeira)



D G+ D G+
É de sonho e de pó O destino de um só
D Gb7 Bm7

Feito eu, perdido em pensamentos

Gb7
Sobre o meu cavalo

Bm7 E7 Bm7 E7
É de laço e de nó De gibeira o jiló
Bm7 Gb7 Bm7

Dessa vida Cumprida, a sol

G Em7 A7
Sou caipira, pira. . . .pora Nossa
D Gb7 Bm

Senhora de Aparecida

G Em7 A7
Ilumina a mina escura e funda
G D

O trem de minha vida

O meu pai foi peão / Minha mãe solidão
Meus irmãos perderam-se na vida / À custa de aventuras
Descasei, joguei / Investi, desisti
Se há sorte, eu não sei, nunca vi

Refrão...

Me disseram, porém / Que eu viesse aqui
Pra pedir de romaria e prece / Paz nos desaventos
Como eu não sei rezar / Só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar, meu olhar

Refrão...

Beira-Mar Novo

(da Cultura Popular - Vale do Jequitinhonha)



D Bm F#m
Beira mar, beira mar novo / foi só eu é que cantei
G D A7 D
ô beira-mar, adeus dona / adeus riacho de areia

Vou levando minha canoa / lá pro poço do pesqueiro
ô beira-mar, adeus dona / adeus riacho de areia

Arriscando minha vida / numa canoa furada
ô beira-mar, adeus dona / adeus riacho de areia

A7
Adeus, adeus, toma adeus / que eu já vou me embora
eu morava no fundo d'água / não sei quando eu voltarei
eu sou canoeiro

Eu não moro mais aqui / nem aqui quero morar
ô beira-mar, adeus dona / adeus riacho de areia
Moro na casca da lima / no caroço do juá
ô beira-mar, adeus dona / adeus riacho de areia

Adeus, adeus ...

Rio abaixo, rio acima / tudo isso eu já andei
ô beira-mar, adeus, dona / adeus riacho de areia
Procurando amor de longe / que de perto eu já deixei
ô beira-mar, adeus dona / adeus riacho de areia

Adeus, adeus ...

Beira mar, beira mar novo / foi só eu é que cantei
ô beira-mar, adeus dona / adeus riacho de areia

Mineiro Pau

(da Cultura Popular)



C G7
Eu tava aqui na Folia, mineiro pau, mineiro pau
C
Desde cedo já cantando, mineiro pau, mineiro pau
G7
botei os *óio* pro céu, mineiro pau, mineiro pau
C
ví os *pássaro* avoando, mineiro pau, mineiro pau

G7
Passarinho vai voando as abelha dando mel / nós aqui tamo dançando
C
prá alegrar papai do céu, mineiro pau, mineiro pau

Quem anda em terra alheia, m.../ saiba bem se conduzir, m...
pise no chão devagar, m.../ que é pra terra não sentir, m...

Minha mãe sempre dizia / que quem anda em terra estranha
é o derradeiro que come / sendo primeiro que apanha, m...

Tem de tudo na Folia, m... / tem viola e violão, m...
tem chocalho e maracá, m... / gente de bom coração, m...

Tem gente de todo jeito / tem minha mãe e minha tia
tem coroa e tem bandeira / temo a estrela da guia, m...

Nossa roda tá chegando, m... / prá voce participar, m...
tem que ter boa vontade, m... / tem que cantar e dançar, m...

Vai girando vai rodando / e mudando a direção
só tem que ter alegria / e abrir o coração, m...

Vou me embora vou me embora, m... / eu vou ver meu azulão, m...
eu vou ver minha beleza, m... / que eu deixei lá no sertão, m...

Vou me embora vou me embora / nem tão cedo eu venho cá
só venho dia de ano / nas oitava do natal, m...

mineiro pau, mineiro pau, mineiro pau, mineiro pau...

Quem vem lá

(samba de bloco de rua "Vem que é bão" - adaptação Regina Vasques)



C G7 C
Quem vem lá, quem vem lá, quem vem lá
A7 Dm A7
é a folia que chegou pra visitar
Dm Dm/F Dm
Quem vem lá, quem vem lá, quem vem lá
G7 C G7
é a folia que pede licença prá passar, (oba..)

Quem vem lá, quem vem lá, quem vem lá
é a folia que chegou pra visitar
Quem vem lá, quem vem lá, quem vem lá
é a folia que pede licença prá passar

F G7
Folia é a alegria da cidade
C G7 C C7
e tem muita energia prá cantar
F F#º C A7
a sua bateria está rufando
Dm G7 C G7
deixa a folia passar, (quem vem lá...)

Ô de casa

(da cultura popular)



C Bb C
Ô de casa, Ô de fora (2x todos os versos)

C G7 C
Maria vai ver quem é

C Bb C
É os cantadô de Rei

C G7 C
Quem mandô foi São José

São José e Santa Maria,
Diz que vai para Belém
Diz que vai cantando Reis
Cantaremos nós também.

Garça branca já voou
Avoô batendo as asa.
Avoô pedindo viva
Viva os dono dessa casa!

Garça parda já voô
Bateu asas outra vez
Avoô pedindo viva
Viva os nosso Santo Reis!

Abertura do Auto de Natal

(Regina Vasques)



Eu vô contá uma história / que eu sei de ouvi contá
Já contava minha mãe / Também contava meu pai

Ao vinte e cinco de dezembro / Tudo isso aconteceu:
o nosso Menino Deus / Naquele dia nasceu

Os Três Reis quando souberam / viajaram sem parar
cada um trouxe um presente / Pro Deus Menino louvar

Os Reis Santos viajaram / Dia e noite, noite e dia
para ver o Deus Menino / Filho da Virge Maria

Naquele instante que viram / Muitos bichos lá estava
Um burrinho, a vaquinha / e o camelo que chegava

O galo cantava alegre / E a estrela anunciava
O nosso amado Menino / Nesse planeta chegava

Pois essa história bonita / Nós vamos agora contá
pra vocês que aqui chegaro / Só pra história escutá

Fazendo assim adoramos / O nosso Deus Menininho
E a nossa estrela sagrada / Que nos ensina o caminho

Bendito seja o Menino / que nessa terra nasceu
o mundo inteiro alegrou / quando a estrela apareceu

Sendo assim peço atenção / Pra essa história escutá
Guardando no coração / Uma lição de encantá

Hoje é dia de natal / Dia de amor e de Luz
Dia de comemorá / O nascimento de Jesus!

Narrativa do Auto de Natal

(Adaptação Regina Vasques e Cidinha Tavares – música Regina Vasques)



G Am
Quando Maria atingiu / A idade do matrimônio
D7 G
Casou-se com José, / Carpinteiro de Nazaré.

O bom Anjo Gabriel / Apareceu à Maria
Anunciando que ela / seria a mãe do Messias.

"Alegra-te, cheia de graça! / Disse o anjo em louvor
Deus lhe concedeu a graça / De ser mãe do Salvador!

Maria encontrou / A sua prima Isabel
Que também estava grávida / Como avisou Gabriel.

No ventre de Isabel / João, seu filho, mexeu;
Ela, então, regozijou-se / E a alegria floresceu.

Ouvindo a voz de sua prima, / Isabel previu a verdade:
Maria seria mãe / Do Salvador da Humanidade!

Montados em um burrico / O casal, José e Maria,
Compunham a linda cena: / É a Sagrada Família.

Perto de Jesus nascer / Foram para Belém
Estava tudo lotado / Não cabia mais ninguém

José, já desesperado / Via que o menino nascia
entraram em um estábulo / E ali deu à luz Maria.

Envolto apenas em faixas / Para nos trazer a luz
Nasceu o Deus Menino / O nosso Menino Jesus

Todos os seres do céu / Naquele momento de amor,
Glorificaram a Deus, / pediram paz ao Senhor!

Entre as palhinhas deitado / Se acha meu Bom Jesus
Veio redimir o mundo / E o encher todo de luz!

Na manjedoura de ramos / Onde o boi bento comia
Nasceu o Divino Verbo / Filho da Virgem Maria.

Lá de longe, do Oriente, / Orientados por Deus,
Vieram os três reis magos, / Atrás do rei dos judeus.

Este rei era criança / e humildemente nascia
era o filho pobrezinho / De José e de Maria.

Em 25 de dezembro, / numa simples manjedoura,
nascia o menino Deus / Filho de Nossa Senhora.

Apesar de tanta desgraça / Os Reis conseguiram chegar
Já era 6 de Janeiro / Veio a estrela avisar.

Baltazar, Gaspar, Melquior, / Assim chamavam os reis
Que presentearam Jesus, / Chegando no dia seis

Ouro, metal mais puro / Tão puro quanto o amor
Foi Gaspar quem ofertou / A Jesus, o salvador

Baltazar lhe deu incenso / Com amor e alegria
Adorando a Jesus / Junto a José e Maria

Melquior lhe trouxe a mirra / De cheiro suave e profundo
Pra envolver o pequeno / Que iluminaria o mundo

Acima do simples teto / Uma luz resplandescia
Sobre a Sagrada Família / Brilhava a estrela guia.

Esta família tão simples / cheia de amor e bondade
Ainda serve de exemplo / A toda humanidade.



Rito de coroação

(Regina Vasques)



Meus senhores e senhoras / Eu peço muita atenção
Neste momento importante: / O rito de coroação

Hoje a nossa companhia / Nessa morada sagrada
Recebe mais um Rei / Enriquecendo as jornada

A jornada representa / Todo caminho Divino
Procurando o Salvador / Na figura de um menino

O caminho não é fácil / Mas é um caminho de luz
Vamo contando e aprendendo / O exemplo de Jesus

Que hoje a nossa Estrela / Amplie a sua extensão
Cobrindo com os seus raio / Esse novo folião

Com a coroa na cabeça / E a estrela no coração
Que esse Rei leve a mensagem / Que nos dá muita emoção

Que leve sempre a boa-nova / Com vontade e alegria
Ajudando muita gente / Orgulhando a Companhia

Seja bem-vindo!

Versos de Chegada



Boa noite, dona da casa!
Dá licença de cantar?
Saudamos o vosso teto:
Deus esteja nesse lar!

Boa noite, dona da casa!
Com amor e alegria
Um viva ao presépio
E também à nossa folia!

Nosso canto é louvação
Com o brilho da Santa Luz
Pra saudar o nascimento
Do filho de Deus: Jesus!

Nosso canto é muito simples,
Mas é o canto do coração
Salve o menino Jesus
Que é a nossa salvação!

Ô de casa, ô de fora
Qui hora tão excelente
É o glorioso Santo Reis
Que vem lá do Oriente!

Ô de casa, ô de casa
Alegre esse moradô
Que o glorioso Santo Reis
Na sua porta chegô!

Senhô dono da casa
Vem abri as portaria
Recebê Santo Reis
Com sua nobre folia!

Senhô dono da casa
Alevanta e acende a luz
Venha ver Santo Reis
O retrato de Jesus!

Senhô dono da casa
Alegra seu coração
arreceba Santo Reis
Com todo seus folião

Senhora dona da casa
Aqui estão estes senhores
São amigos, Vem de longe
Na Judéia são pastores

Senhora dona da casa
Aqui estão estes pastores
Vieram anunciar
Que nasceu o Deus de amores!

Meus pastores venham ver
Venham ver com alegria
O menino do presépio
São José, Virgem Maria!

Senhô dono da casa
Muito alegre deve estar
Os glorioso Santos Reis
Hoje veio lhe visitar

Viva a Virgem Maria
Outro viva a São José
Salve o Menino Jesus
Nossa vida, nossa fé

Ô de casa, abre a porta
Vamos lhe mandá um verso
Saudamos o menino Deus
Ele é o rei do Universo

Versos de narrativa



No dia 12 de Março
Que Maria concebeu
Veio um anjo do senhor
E este aviso lhe deu:

Não se assuste Maria,
Vim aqui pra lhe dizer
Que o Rei do mundo inteiro
De você há de nascer.

Vinte cinco de dezembro
Dia santo natalino
Neste dia consagrado
Que nasceu Jesus menino.

Vinte e cinco de dezembro
Chegou a estrela da guia
Numa casa muito pobre,
Menino Jesus nascia.

Vinte cinco de dezembro,
Dia que Jesus nasceu
O vento todo parou
E a terra toda tremeu.

Em Belém, terra de Judas
Foi onde ele nasceu
O profeta Isaías
Estes versos escreveu:

Nesta hora os pastorzinhos
No campo pastoreava
De nada eles sabiam,
Mas um anjo lhe avisava.

Eles largaro as ovelha
Foram ver o que aconteceu;
Chegaro na manjedoura
Encontram o Rei do Judeu.

Os Reis seguio a direção
Que a Estrela-guia avisou;
Numa casa muito pobre,
Foi onde a estrela parou.

Deus menino foi nascido
Entre as palhinhas do chão;
Bem pudera ter nascido
Em um rico colchão.

Quando os Reis chegaram lá
Avistaro o Redentor
Bateram o joelho no chão
E adoraram o Senhor.

Em vinte e cinco de Março
Veio um anjo anunciando
Vem na Virgem o vosso ventre
E do Senhor Verbo Encarnado

Vinte e cinco de dezembro
Nove mês completava
E nasceu o Menino-Deus
Que Nossa Senhora esperava.

Os três Reis quando subero
Que Jesus era nascido
Batero prá estrebaria,
Arrearo três cavalo
E tocaro a viajar
Percurá Menino-Deus
Percurando até achá

Encontraro o marvado do Heródi
O Heródi por sê malino
Malino e traidô
Ensinô os três Reis
às avessas o caminho

Os três Reis, por sê um Santo,
Nada disso s'importô
Seguiro o seu caminho
Duma estrela da guia que guiô.

Versos da Oferta

Estamos co'a goela seca
Após tanta cantoria
Saudando o Menino Deus
Com toda nossa alegria

Chegou a hora da oferta
Se não tiver, não tem mágoa
Será que os dono da casa
Daria um golinho d'água?

De tanto que já dancemo
nosso corpo já suou
de tanto que já cantemo
nossa garganta secou

a dona da casa tem argo
prá moiá nossa garganta?
Se não tivé nós num canta.

Versos de Despedidas

Deus lhe pague, Deus lhe ajude
Deus queira lhe ajudar
No reino do céu lhe vejo
Sentado em bom lugar.



Deus lhe salve a barca nova
Que do céu caiu no mar
Nossa Senhora vai dentro
Com sete anjos a remar.

Santos Reis quando despede
Despede com alegria
Aqui ficam saudações
De São José e Santa Maria

Quem tiver saudade dele
Vai na reza do seu dia
Com seu agradecimento
Eles voltarão um dia.

A todos que aqui estão
Louvando o Santo Reis
Esperando o ano novo
Cantaremos outra vez.

Já chegou a nossa hora
Embora preciso ir
Peço a Deus que abençoe
A todos que estão aí.

Nossa Folia de Reis
agradece as gostosura
e deseja que vossa mesa
tenha pra sempre fartura
que no coração haja amor
que engrandece a criatura

CATIRA DA FOLIA

(Regina/Alberto)



A
Estamo aqui nessa casa
 D E7
Com tod'essa animação
 A
O nosso maior sentido
 E7 A
É fazer a louvação

A E7 A E7
(.....catira.....)

Cantamo a nossa catira
Dançando bem ritmado
Louvando e agradecendo
Esse dia tão sagrado

...
Louvamos Jesus Menino
Nossa Senhora também
Lembrando daquela história
Que começou em Belém

...
A dona e o dono da casa
Estão nessa louvação
Desde já, muito obrigado
De dentro do coração

...
Preste atenção no recado
Do povo dessa Folia
Viva a nossa cultura!
Viva nossa alegria!

DEUS MENININHO

(Regina Vasques)



G D7 G
Viemos todos aqui / Viemos louvar Jesus
G D7 G
Muita alegria trouxemos / Carregadinhos de luz
C D7 G
Louvar a Deus menininho / Faz parte desse caminho!!!

C G D7 G
Ê, re, re, re, rê / Ê, re, re, re, rê
C G D7 G
Ê, re, re, re, rê / Ê, re, re, re, rê

Agora nós somos Reis / Cumprindo nossa missão
Trazendo uma mensagem / De amor e de união
Vamos dançar com alegria / Junto com nossa Folia!!!

Ê, re, re, re, rê / Ê, re, re, re, rê
Ê, re, re, re, rê / Ê, re, re, re, rê

Viva Jesus e Maria / Viva também São José
Vamos dar vivas a todos / Reforçando a nossa fé (VIVA!!!!)
Assim nós vamos cantar / Assim mais vamos dançar!!!

(Regina Vasques, Alberto Camargo e Vinícius Alexandre)



O encontro dessas folias / Nos deu mais disposição
Pra prosseguir a jornada / Com fé e dedicação
Vamo agora despedindo / Voltar à obrigação

ABERTURA DO ENCONTRO DE FOLIAS

(Valdir Rivero)



D G A7
Juntemos aqui pra *arreunir* ai ai / Pois somos todos filhos de Deus
G D A7 D
Esse Deus que canta meu coração ai ai / Ecoa em cada um dos filhos Teus (2x)

A7 D
ai ai meu Deus / ai ai meu Deus
G D A7 D
Esse Deus que canta meu coração ai ai / Ecoa em cada um dos filhos Teus (2x)

Nós todos aqui somos irmãos ai ai / Sementes do amor que nos reuniu
Jesus que ensinou essa lição ai ai / Nasceu e vive em mim pra semear (2x)

ai meu Jesus / ai meu Jesus
ai meu Jesus que ensinou essa lição ai ai / Nasceu e vive em mim pra semear (2x)

D G
Em nome dos três Reis Santos / Jesus, Maria e José
D
Anunciamos a chegada / De um tempo de amor e fé
G D A7 D
Levamos nossa bandeira / De amor onde Deus quiser (2x)

A7 D A7 D
Em nome dos três Reis Santos / Jesus, Maria e José
G D A7 D
Levamos nossa bandeira / De amor onde Deus quiser (2x)

A7 D A7 D
Anunciamos a chegada / De um tempo de amor e fé
G D A7 D
Levamos nossa bandeira / De amor onde Deus quiser (2x)

CANTO DE SAGRAÇÃO

(Regina Vasques, Alberto Camargo)



D A7 D A7 D
Dá licença meu senhor / Dá licença minha senhora (Solo/Coro)

Gm D A7 D
Viemo pra agradecer / Pra pedir depois embora (Solo/Coro)

A7 D A7 D
Oi lará, oi lerê, oi oi oi oi oi lará (Solo/Coro)

Abençoa essa terra / Onde *pisamo* este chão
Recebe nosso pedido / Esse canto em oração

Oi lará, oi lerê, oi oi oi oi oi lará

Abençoa esse céu / Esse vento esse ar
Oferecemos a Deus / Todo esse nosso cantar

Oi lará, oi lerê, oi oi oi oi oi lará

Abençoa essa água / Essa bebida tão pura
Que renova e transforma / Para os males traz a cura

Oi lará, oi lerê, oi oi oi oi oi lará

Abençoa esse fogo / Esse espaço de luz
Pra ligar todo devoto / ao coração de Jesus

Oi lará, oi lerê, oi oi oi oi oi lará

Podemos cantar e dançar / Nesse espaço sagrado
Louvar e agradecer / Esse solo abençoado

Oi lará, oi lerê, oi oi oi oi oi lará

TOADA DE REIS

(Regina Vasques, Alberto Camargo)



G C D7
Sempre seguindo a estrela / Buscando a luz que nos guia

C D7 G
Hoje chegamos aqui / Com muito amor e alegria ai ai

D7 G
Com muito amor e alegria ai ai

Sob o manto dos três Reis / Com a proteção de Maria
Humildemente viemos / Oferecer nossa folia ai ai
Oferecer nossa folia ai ai

Dividimos com o Universo / Em nossa missão de Luz
Pedidos e graças alcançadas / Pela fé que nos conduz ai ai
Pela fé que nos conduz ai ai

Entregamos nestas fitas / A gratidão de uma gente
Que o fogo leva pro céu / Como fosse um presente ai ai
Como fosse um presente ai ai

Desejamos encontrar / Dentro de nós o Divino
Como os Reis conseguiram / Encontrar Jesus Menino ai ai
Encontrar Jesus Menino ai ai

Em alegria e Graça / Transborda nosso coração
Agora podemos descansar / Depois de tanta emoção ai ai
Depois de tanta emoção ai ai



Que Deus abençoe todos os lares do mundo que, nestes dias, são representados por estas casas visitadas pela nossa Folia de Reis. Que este ano novo seja de paz, amor, saúde e alegria para todos.

Folia de Reis



Osasco — SP — Brasil